



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO  
ESTADO DO PARÁ

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

HELEN ARAÚJO CARNEIRO

**A presença da educação especial no curso de Pedagogia da UFPA  
Campus Marabá, na voz dos egressos**

**Marabá**

**2015**

HELEN ARAUJO CARNEIRO

**A presença da educação especial no curso de Pedagogia da UFPA  
Campus Marabá, na voz dos egressos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus de Marabá, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Hildete Pereira dos Anjos.

**Marabá**

**2015**

HELEN ARAUJO CARNEIRO

**A presença da educação especial no curso de Pedagogia da UFPA  
Campus Marabá, na voz dos egressos**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Estado Pará, Campus de Marabá, sob orientação da Profª Drª Hildete Pereira dos Anjos.

Aprovado em 30 de junho de 2015

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª. Katia Liége Nunes Gonçalves  
Faculdade de Educação do Campo./ICH/ UNIFESSPA

---

Prof. Esp. Marcelo Almeida Araújo  
Mestrando em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia ICH/UNIFESSPA.

---

Profª. Drª. Hildete Pereira dos Anjos (Orientadora)  
Faculdade de Ciências da Educação/ICH/UNIFESSPA

## DEDICATÓRIA

Sempre tudo que eu faço dedico ao meu Deus que é infinito em amor e misericórdia para comigo.

À minha maior motivação personificada que é a minha mãe Maria José, meu exemplo, heroína, céu e chão, essa vitória devo a ela também.

Também dedico esse resultado da minha persistência, aqui representado por este trabalho, a minha madrinha Maria de Lourdes a qual foi e é uma grande incentivadora dos meus estudos, a ela meu reconhecimento por cada advertência e conselho.

Dedico esse trabalho de conclusão de curso aos meus amigos que me motivaram e cooperaram para que fechasse esse ciclo em minha vida.

Quero também dedicar este texto como forma de agradecimento a minha professora orientada Hildete Pereira dos Anjos, eu sei que pode ser um clichê, mas de fato é verdade, eu não chegaria até aqui se não fosse a senhora.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu Senhor que me permitiu e me deu todas as condições necessárias para ir até o fim nessa jornada. O meu curso de graduação é uma oferta à Ele.

Meu sempre profundo agradecimento a minha mãe que mesmo em meio a tanta saudade e preocupação me ajudou a concluir o curso. Meu amor maior nessa vida é seu mãe.

Obrigada à minha madrinha a qual desde a minha infância participou ativamente da minha educação e me ensinou ter persistência e resistência nas adversidades.

Ao meu presente de Deus Rogério Monteiro que mesmo com tanta distância física nunca permitiu que eu me sentisse só, meu querido, meu companheiro, meu escolhido você é um divisor de águas em minha vida.

Agradeço aqui a pessoa que sempre esteve ao meu lado e me ensinou que de fato existem amigos mais chegados que irmãos e que a vida só tem mesmo sentido quando se tem amigos, Aldo Tagomori, você é essa pessoa para mim.

Um obrigada as pessoas simplesmente ma-ra-vi-lho-sas que conheci em Marabá e que adoçaram minha vida, Edeleys Esteves e família.

Obviamente meu agradecimento a turma Pedagogia 2010 a qual me fez muito feliz durante esses anos, em especial meu grupo de estudos Andreia Brenda, Elaine Luso, Fabíola Moraes e Joseane Ferreira. Vocês foram parceiras e amigas e isso vou levar para sempre em minhas lembranças.

Também quero agradecer a minha amiga Dorlane Sara que sempre me surpreendeu positivamente com seu companheirismo e sinceridade, só Deus sabe o que passamos juntas e por isso eu te agradeço.

E meu agradecimento a minha orientadora professora Hildete Pereira dos Anjos, a qual soube me esperar com paciência e me contagiar com sua sabedoria.

## POEMA

### O MAIS É NADA

Navegue, descubra tesouros, mas não os tire do fundo do mar, o lugar deles é lá.

Admire a lua, sonhe com ela, mas não queira trazê-la para a terra.

Curta o sol, se deixe acariciar por ele, mas lembre-se que o seu calor é para todos.

Sonhe com as estrelas, apenas sonhe, elas só podem brilhar no céu.

Não tente deter o vento, ele precisa correr por toda parte, ele tem pressa de chegar sabe-se lá onde.

Não apare a chuva, ela quer cair e molhar muitos rostos, não pode molhar só o seu.

As lágrimas? Não as seque, elas precisam correr na minha, na sua, em todas as faces.

O sorriso! Esse você deve segurar, não deixe-o ir embora, agarre-o!

Quem você ama? Guarde dentro de um porta jóias, tranque, perca a chave! Quem você ama é a maior jóia que você possui, a mais valiosa.

Não importa se a estação do ano muda, se o século vira e se o milênio é outro, se a idade aumenta; conserve a vontade de viver, não se chega à parte alguma sem ela.

Abra todas as janelas que encontrar e as portas também.

Persiga um sonho, mas não deixe ele viver sozinho.

Alimente sua alma com amor, cure suas feridas com carinho.

Descubra-se todos os dias, deixe-se levar pelas vontades, mas não enlouqueça por elas.

Procure, sempre procure o fim de uma história, seja ela qual for.

Dê um sorriso para quem esqueceu como se faz isso.

Acelere seus pensamentos, mas não permita que eles te consumam.

Olhe para o lado, alguém precisa de você.

Abasteça seu coração de fé, não a perca nunca.

Mergulhe de cabeça nos seus desejos e satisfaça-os.

Agonize de dor por um amigo, só saia dessa agonia se conseguir tirá-lo também.

Procure os seus caminhos, mas não magoe ninguém nessa procura.

Arrependa-se, volte atrás, peça perdão!

Não se acostume com o que não o faz feliz, revolte-se quando julgar necessário.

Alague seu coração de esperanças, mas não deixe que ele se afogue nelas.

Se achar que precisa voltar, volte!

Se perceber que precisa seguir, siga!

Se estiver tudo errado, comece novamente.

Se estiver tudo certo, continue.

Se sentir saudades, mate-a.

Se perder um amor, não se perca!

Se achá-lo, segure-o!

Circunda-te de rosas, ama, bebe e cala.

O mais é nada.

Fernando Pessoa





## **RESUMO**

O presente trabalho tem como alvo analisar a presença da educação especial no curso de pedagogia da UFPA (Campus Marabá), pela voz dos seus egressos de 1997 a 2007. Para isso, foi feito um resgate histórico da educação especial, do curso de pedagogia no Brasil e em Marabá, das leis vigentes sobre o tema e também uma breve pesquisa de como as universidades tem se posicionando sobre esse tema. Como sujeitos de pesquisa, foram entrevistados egressos das turmas de 1997, 1999, 2001 e 2004 que narraram suas experiências acadêmicas; através de suas falas pode-se compreender como se configurou a educação especial no ambiente acadêmico. A pesquisa é um estudo de inicial, pois se propõe a compreender as experiências de um grupo pertencente a um lugar específico, neste caso os egressos do período de funcionamento do curso após as mudanças referentes às Diretrizes Curriculares Nacionais. Foram realizadas gravações em áudio das entrevistas com os egressos, as quais, após transcritas, foram categorizada e analisadas. O que se pode perceber é que durante a formação, são descritas situações geradoras que os atraíram os egressos para o tema educação especial, como as discussões em sala de aula durante a disciplina específica, e assim experiências relevantes, como projetos de extensão ou, em alguns casos, o trabalho de conclusão de curso, que influenciaram na escolha da atuação nessa área profissionalmente.

Palavras-chave: educação especial, formação docente, pedagogia.

## **LISTA DE SIGLAS UTILIZADAS**

ANFOPE - Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

CAP - Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual

CONARCFE - Comissão Nacional de Reformulação dos Cursos de Formação do Educador

DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais

EJA - Educação de Jovens e Adultos

FFCL - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

MEC - Ministério da Educação

NEI - Núcleo de Educação Inclusiva

NEAM - Núcleo de Educação Ambiental

NUAR - Núcleo de Arte Educação

NECAMPO - Núcleo de Educação do Campo

NEES - Núcleo de Educação Especial

NETIC - Núcleo de Educação, Tecnologias Informáticas e Comunicacionais

PARD - Programa de Auxílio à Instalação do Professor Recém-Doutor

SAPE - Salas de Apoio Pedagógico

SEMED - Secretaria Municipal de Educação

SR - Sala de Recurso

SRM - Salas de Recursos Multifuncionais

UEPA - Universidade do Estado do Pará

UFPA - Universidade Federal do Pará

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1. CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL .....</b>	<b>14</b>
1.1. EDUCAÇÃO ESPECIAL EM MARABÁ: UM BREVE HISTÓRICO.....	19
<b>2. O OLHAR DA UNIVERSIDADE SOBRE DEFICIÊNCIA E ENSINO SUPERIOR .....</b>	<b>21</b>
<b>3. FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASIL E A EXPERIÊNCIA LOCAL .....</b>	<b>25</b>
3.1. A OBRIGATORIEDADE DA EDUCAÇÃO ESPECIAL COMO TEMÁTICA DO CURSO DE PEDAGOGIA .....	27
3.2..O CURSO DE PEDAGOGIA DA UFPA NO CAMPUS DE MARABÁ: UM BREVE HISTÓRICO .....	28
<b>4. A VOZ DOS EGRESSOS: PRODUÇÃO DE UM ESPAÇO PARA AS DISCUSSÕES DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO CURSO DE PEDAGOGIA .....</b>	<b>31</b>
<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERENCIAS .....</b>	<b>40</b>

## INTRODUÇÃO

Tratar a respeito de inclusão da pessoa em situação de deficiência na escola comum não é mais raridade; já é possível encontrar um bom número de artigos científicos sobre o assunto, principalmente no âmbito de ensino fundamental, alguns sobre o ensino médio e em uma incidência menor, sobre ensino superior. Um bom exemplo de artigo sobre a temática no ensino fundamental e médio é o artigo *“Processos de Escolarização de Pessoas com Deficiência Visual”* (VILARONGA e CAIADO,2013), o qual trata de todo o histórico escolar de alunos entrevistados com baixa visão. No âmbito do ensino superior temos o exemplo de texto científico *“Inclusão e preconceito na universidade: possibilidades e limites para estudantes com deficiência”*(SANTOS,2012), que faz uma reflexão sobre a inclusão de alunos em situação de deficiência na Universidade brasileira até então. Isso mostra uma imagem da realidade sobre o tema, pois a inclusão escolar tem, aos poucos, acontecido nos diferentes níveis da educação brasileira. Contudo, é relevante levantar questionamentos sobre a forma como os professores veem a inclusão, como as universidades entendem e vivenciam a questão das necessidades especiais e os resultados da formação de professores para a educação local e nacional.

Este trabalho de pesquisa para conclusão do curso procurou esboçar o modo como se configurou a Educação Especial no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus Marabá, nas turmas de 1997 a 2007 na voz dos próprios egressos, considerando que, nessa primeira década de existência do Curso de Pedagogia citado, se estabeleceram as diretrizes principais acerca da inclusão das pessoas com deficiência nas classes comuns e da obrigatoriedade legal da presença da temática nos cursos de Pedagogia no Brasil.

A pesquisa é um estudo inicial, pois se propõem a compreender as experiências de grupo de entrevistados pertencentes a Universidade , durante um período estipulado e para isso a pesquisa foi realizada através de entrevistas com os egressos no curso de pedagogia no período de interesse da pesquisa, de 1997 à 2007, que hoje atuam no campo da educação especial/inclusiva. Foram escolhidas duas pessoas do sexo masculino e duas do sexo feminino, as quais aqui são designadas pelos pseudônimos João, Antônio, Rosa e Margarida. Os entrevistados são pertencentes às turmas de pedagogia dos anos 97(Rosa), 99 (Antônio), 2001(João) e 2004(Margarida). As entrevistas foram gravadas em áudio e após transcritas integralmente, fidedignamente e

nas normas para transcrições de textos orais (PRETI, 1999). Para a entrevista foi usado um roteiro previamente elaborado tendo como objetivo conhecer as vivências acadêmicas dos entrevistados no que diz respeito à educação especial/inclusiva. As gravações foram todas realizadas nos ambientes de trabalho dos entrevistados. Após leitura cuidadosa das entrevistas transcritas foram destacadas categorias para serem analisadas, são elas: expectativas sobre educação especial ao ingressar na Universidade; configuração da disciplina educação especial no curso; outras atividades que envolveram educação especial e outras disciplinas que contribuíram para o interesse por educação especial. Com base nessas categorias foram construídos quadros analíticos com trechos das entrevistas, em seguida foi produzido o texto interpretativo, englobando categorias analisadas, trechos dos entrevistados que exemplificam tais categorias e estabelecida relação com os textos científicos que tratam dos assuntos abordados.

Antes do trabalho de campo e para melhor compreensão do problema, fez-se necessária uma contextualização da educação especial, evocando seus aspectos históricos, com base em Mazzotta (2011) e Mendes (2010), que ajuda a perceber sua importância na formação do pedagogo, as mudanças de posturas tomadas com o tempo tanto em relação a formação, mas também no que diz respeito ao preparo desses profissionais para lidarem com a educação especial em ambiente escolar.

Também uma breve revisão de literatura acerca do modo como a universidade brasileira tem lidado com a questão da inclusão, da educação especial e da deficiência de modo mais amplo ajuda a organizar a base do trabalho de pesquisa. Para isso, analisamos os trabalhos de Caiado, Sonza, Santarosa e Costi (2003), Nuremberg (2008), Silva, Cymrot e D'Antonino (2012), Souza e Santos (2012), Santos (2012), Anjos (2012), Caiado e Vilaronga (2013).

O trabalho foi estruturado da seguinte forma: primeiramente apresenta-se um histórico sobre o tema educação e especial em geral e em Marabá; em seguida, o capítulo dois traz observações sobre como as universidades tem enxergado o tema, pois isso reflete no tipo de formação que elas oferecem. Em seguida se apresenta um panorama sobre a formação do pedagogo e documentos oficiais que interferiram diretamente nas mudanças e ajustes dos currículos. Após isso, é descrita a trajetória do Curso de Pedagogia em Marabá e seguido das análises das falas dos entrevistados falando sobre as suas vivências acadêmicas e finalizados pelas considerações finais.

## **1. CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL**

Para estudar o contexto recente da educação das pessoas em situação de deficiência, é importante retomar o histórico da educação especial no Brasil, para o que se toma como referência até agora os trabalhos de Mazzotta (2011) e Mendes (2010). Ainda que o movimento educacional recente se dê no sentido de uma educação para todos, não há como perder de vista as origens segregadas, baseadas na discriminação e no assistencialismo, da educação da pessoa que hoje descrevemos como “em situação de deficiência”. Usar essa expressão, em vez de “com deficiência” ou “com necessidades especiais” implica numa recusa em situar na pessoa as limitações ou as necessidades decorrentes da produção cultural de uma expectativa de sujeito idealizado, “inteiro” de corpo e de mente, pois como afirma Diniz “não há sentença biológica de fracasso por alguém não enxergar. O que existe são contextos sociais pouco sensíveis à compreensão da diversidade corporal como diferentes estilos de vida” (2007, p.08). Anjos (2012) em seu texto, concorda com Diniz e diz que a deficiência não está no indivíduo e sim na sociedade “a deficiência é gerada e fortalecida por barreiras dos mais variados tipos: físicas, corporais, atitudinais e culturais.” (2012,p.05)

A partir do texto de Mazzotta (2011) é possível perceber que a educação especial tem uma história baseada em insistentes batalhas, avanços e retrocessos e pessoas as quais se dedicaram à questão. Batalhas essas que até hoje são pelejadas principalmente no que diz respeito à compreensão do significado da educação especial, sua abrangência e o respeito ao direito do cidadão em situação de deficiência. O autor nos revela que o pensar educacional sobre a deficiência, começa no século XVIII, mas naquela época o conhecimento acerca do tema era associado ao misticismo e ocultismo (p.16). Com o avanço dos estudos a educação especial teve a primeira obra impressa (em 1620) e a primeira instituição especializada para “surdos-mudos” (nomenclatura utilizada na época) fundada em 1770 pelo abade M. L’Eppeé, em Paris (p.18).

O primeiro instituto especialmente para jovens cegos (nomenclatura utilizada então) foi fundado em Paris por Valentin Haüy no ano de 1784 (p.19). Em 1829 um estudante deste instituto proporcionou um grande avanço para a educação dos cegos, seu nome era Louis Braille e ele fez uma adaptação do código militar de comunicação noturno para atender as necessidades de leituras dos estudantes cegos (p.20).

Em relação ao atendimento de portadores de deficiência física, teve o primeiro registro em 1832 na cidade de Munique, Alemanha com fundação de “uma instituição

carregada de educar os coxos, os manetas, os paralíticos...” (p.21) E já no século XIX houve o início dos atendimentos educacionais aos “débeis” ou “deficientes mentais” (nomenclaturas utilizadas na época) com o médico Jean Marc Itard, no sul da França e devida a sua experiência na tentativa da educação de um menino selvagem capturado em uma floresta, escreveu o livro que foi considerado o primeiro manual de educação de “retardados”, *De l' éducation d'um homme sauvage*( MAZZOTTA, 2011, p.22).

No Brasil, o primeiro evento oficial relacionado à educação especial foi o decreto imperial n.1428, promulgado por D. Pedro I quando fundou o Imperial Instituto dos Meninos Cegos em 1854, o qual mais tarde iria se chamar Instituto Benjamim Constant em homenagem ao seu grande colaborador (p.28). Após isso, a história da educação especial brasileira, tem novos acontecimentos no século XIX, devido à observação das experiências bem sucedidas ocorridas na Europa e Estados Unidos. Houveram algumas atividades especializadas, mas, de acordo com interesse de alguns educadores no ensino aos discentes de necessidades especiais por isso, foram classificadas como iniciativas particulares isoladas (p.27). A “educação de deficientes”, “educação dos excepcionais” ou “educação especial” só veio a ser inserida na política educacional brasileira no final dos anos de 1950 e por essa razão a educação escolar especial só teve seu início neste ano, de acordo com Mazzotta.

Mendes cita também, como um dos primeiros marcos históricos da educação especial no Brasil, o Instituto de Surdos-Mudos, dirigidos por Edouard Huet (2010, p.94), que mais tarde veio a se chamar Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), denominação que conserva até hoje. Ainda para Mendes, o período colonial foi marcado por um descaso tanto com a educação especial quanto para a educação popular. Em seu artigo, Mendes afirma que durante os séculos XIX e o início do XX, a concepção de deficiência estava ligada a pobreza e falta de higiene, por isso houve um movimento muito forte chamado higienismo, liderados por médicos os quais tinham a intenção de influenciar o Estado a investir na área da saúde (p. 95).

Retornando ao texto de Mazzotta (2011) e às iniciativas oficiais para a educação de pessoas em situação de deficiência, a primeira campanha nacional que o governo federal assumiu foi a “Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro” (CESB), em 1957; posterior a ela ocorreu em 1958 a “Campanha Nacional de Educação e Reabilitação de Deficientes da Visão” e em 1960 a “Campanha Nacional da Educação e Reabilitação de Deficientes Mentais, feita devido a persuasão de movimentos conduzidos pela associação Pestalozzi e APAE do Rio de Janeiro (p.52).

No mesmo texto, Mazzotta (p.58) menciona que no ano seguinte, ou seja, em 1961 foi criada a LDB 4.024/61 a qual tem um capítulo dedicado à “Educação de Excepcionais”, reafirmando o direito da educação de tais alunos. O artigo 89 dispõe acerca de um auxílio financeiro do governo federal a todas as instituições que se propusessem a atender os alunos excepcionais; no entanto o artigo não foi claro sobre as condições para esse benefício financeiro, por isso o auxílio foi generalizado a todo tipo de instituição.

O autor indica também, na LDB promulgada dez anos depois (lei 5692/71), a reiteração (artigo 9º) do “tratamento especial aos excepcionais” com um esclarecimento a mais feito pelo conselheiro Valnir Chagas dizendo que: “o tratamento especial de nenhuma forma dispensa o tratamento regular. Após ela outras ações referente a educação especial foram realizadas para a implantação de novas diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º (citado por MAZZOTTA, 2011, p.57).

O pesquisador aponta, como mais um passo importante dado em relação ao amadurecimento da educação especial brasileira, a criação de um órgão central dentro do Ministério da Educação, responsável pelo atendimento aos “excepcionais” chamado, Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), criado pelo decreto n.72.425 em 1973 (p.59). O CENESP definiu normas para a prestação de apoio técnico e/ou financeiro para a Educação Especial na educação pública e privada através da portaria n.69 de 28 de agosto de 1985. Em seguida o CENESP se tornaria Secretaria de Educação Especial (SESPE), extinta em 1990 e reativada em 1992 após a queda do governo Collor de Mello (p.62).

Mazzotta destaca, em seu texto, uma tendência de compreensão da educação especial percebida nas portarias emitidas de 1972-1985, vinculando a educação especial ao campo terapêutico (preventivo/corretiva) e não pedagógica ou especializada escolar, o que é algo ainda não totalmente superado hoje. Daí em diante, outra visão da educação especial tem sido percebida nos documentos oficiais, a que segundo ele é chamada estática ou dicotômica, esta visão é a que o aluno em situação de deficiência tem somente a educação especializada sendo segregado do ensino normal em contrapartida o autor defende uma visão a qual ele chama dinâmica ou por unidade, nessa o aluno em situação de deficiência tem um atendimento referente às suas necessidades, mas está inserido no ensino normal (p.84), hoje denominado “comum”. Também menciona a visão reducionista imposta à educação especial, colocando-a como apenas



como “metodologias de ensino”, como aconteceu na portaria n.6, de 22 de agosto de 1990.

Em seu texto, Mendes (2010) afirma que após a primeira Guerra Mundial, a educação de pessoas com deficiência no Brasil foi influenciada pelo ideário do movimento escolanovista o qual tenta superar o tradicionalismo e valoriza a individualidade da criança. Como este movimento, entusiasmado pelas pesquisas científicas, a psicologia teve um grande envolvimento na educação, pois a partir disso os testes de inteligência foram bastante difundidos para a identificação de deficientes intelectuais. Porém, ao mesmo tempo que o movimento escolanovista pretendia diminuir as desigualdades enfatizando as características individuais, ele contribuiu para segregação dos diferentes nas escolas regulares, pois as escolas tinham a obrigação do ensino gratuito e quando não tinham o ensino especializado, acontecia a segregação (p.96).

Mazzotta e Mendes destacam em seus textos, como marco relevante na trajetória da educação especial, a Constituição Brasileira de 1988, pois traz, em diferentes momentos, trechos que tratam e asseguram o direito à educação de alunos em situação de deficiência. Mazzotta cita como exemplo o Título VIII, *Da Ordem Social*, Capítulo II, *Da Seguridade Social*, cujo artigo 203 dispõe que, “independente de contribuição à seguridade social, a assistência social ser prestada a quem dela necessitar” (p.81). Também destaca o inciso IV o qual trata acerca da “habilitação e reabilitação de portadores de deficiência e a promoção de sua integração à vida comunitária”; e o inciso V, que dispõe sobre “a garantia de um salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso que comprovarem não possuir meios de prover a própria manutenção ou de tê-la provido por sua família, conforme dispuser a lei (p.82)”.

Mazzotta (2011) chama a atenção, ainda na Constituição de 1988, para o *Capítulo III, da Educação, da Cultura e do Desporto*, artigo 205: “A educação é direito de todos e dever do Estado e da família. Será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (p.81); e no artigo 208:

o dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de: ensino fundamental obrigatório e gratuito, a progressividade dos estudos ao ensino médio obrigatório e gratuito, atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência preferencialmente na rede regular de ensino, atendimento através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

Sobre os recursos (artigo 213), a lei maior dispunha que “serão destinados às escolas públicas, podendo ser dirigidos a escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas definidos em lei” (p.82).

Mazzotta destaca ainda o Título VIII, Da Ordem Social, Capítulo VII, *Da Família, da Criança, do Adolescente e do Idoso*, artigo 227, em cujo primeiro parágrafo é definido que o Estado promoverá programas de assistência e no segundo parágrafo existe um comprometimento em lei da construção de edifícios de uso público, veículos de transporta coletivo a fim de garantir acesso adequado às pessoas “portadoras de deficiência” (p.83).

Avaliando o decorrer da história da educação especial brasileira, Mendes (2010) destaca que nas décadas de 70 e 80 o alto índice de repetência foi associado a necessidade de atendimento especializado e grande parte desses casos eram alunos com baixo nível socioeconômico, ou seja, o conceito de deficiência estava sendo confundido com problemas de ordem sociais. Até a década de 90, os alunos em situação de deficiência se defrontavam com duas alternativas básicas para estudo: as escolas filantrópicas ou as classes especiais nas escolas públicas estaduais e nesse momento histórico houve uma preocupação de tentar remediar supostas etapas que faltavam nos alunos por isso a escolha em não trabalhar conteúdos acadêmicos; muitas vezes a didática assumia a infantilização do aluno.(p.103).

A presença da educação especial foi acontecendo aos poucos no cenário político, nas escolas e nas publicações científicas, e foi criando forma de maneira que Mazzotta no início da sua publicação define a educação especial como:

(...) a modalidade de ensino que se caracteriza por um conjunto de recursos educacionais especiais organizados para apoiar, suplementar e, em alguns casos substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação formal dos estudantes que apresentem necessidades educacionais muito diferentes das da maioria das crianças e jovens (MAZZOTTA, 2011, p.11).

Mas, apesar de tantos documentos que explanam e garantem o direito a educação neste caso, serviços educacionais para além daqueles hoje oferecidos na educação comum, existem momentos não tão raros que esse direito tem sido executado de forma deturpada.

Mendes (p.106, 2010) afirma em seu artigo que somente a partir da década de noventa ocorreram políticas com princípio de “integração escolar” ou “educação inclusiva” antes disso a concepção era inversa, pensava-se segregar para melhor atender

as necessidades educacionais dos alunos. E que apesar dessa nova ideologia a maior parte dos alunos em situação de deficiência ainda estavam fora do ambiente escolar, e mesmo os que estavam inseridos não estavam sendo bem assistidos devido à falta de preparo dos profissionais e do descaso do poder público em mudar essa realidade, pois a matrícula em instituições privadas foi significativamente maior do que nas instituições públicas, o que acaba por ocasionar uma falsa integralização. No entanto, ainda Mendes traz à tona a complexidade da real compreensão do que é a educação especial, pois afirma que as reivindicações sobre o tema devem ser discutidas não paralelamente as da educação comum e sim concomitantemente, já que existe um discurso de educação mais democrática e igualitária.

Neste breve panorama do andamento da educação especial, podemos perceber as influências estrangeiras sobre o tema, os textos legais, implantações das políticas e principalmente o caminho percorrido para avaliar erros e acertos e assim podermos dar novos passos em direção a uma reflexão acerca das necessidades de melhorias no setor de educação especial em termos de cumprimento dos direitos para que haja de fato a inclusão dos estudantes em situação de deficiência e o bom atendimento para o aumento de suas potencialidades.

### 1.1. EDUCAÇÃO ESPECIAL EM MARABÁ: UM BREVE HISTÓRICO.

Para compreendermos a dimensão da fala de cada entrevista é necessário, nos situarmos em relação à contemporaneidade de cada um, principalmente nos que diz respeito à educação Especial em Marabá.

A educação especial no município de Marabá iniciou em 1987 com a criação de classes especiais em três escolas estaduais para atendimento dos alunos com deficiência visuais, auditivas e mentais, essas eram nomenclaturas usadas na época. Esse atendimento eram em classes especiais, salas de recurso, e ensino itinerante. Os alunos eram atendidos juntos na mesma classe em um turno e apesar de estarem situadas dentro de um prédio escolar eram isoladas pedagogicamente do restante da escola (ANJOS *et al*, 2014, p.31).

No livro “As histórias de todas e de cada uma: Construindo um trajeto para a educação especial”, o qual faz referência ao histórico da educação especial no município de Marabá, os autores mencionam que no início eram atendidos 112 alunos

em situação de deficiência e estavam distribuídos em nove escolas. Os profissionais que prestavam o atendimento eram de nível médio com complemento de cursos de aperfeiçoamento denominados na época de “Estudos Adicionais”. Até o ano de 2000 as responsabilidades administrativas pedagógicas da educação especial eram estaduais, mas em 2001 essa realidade muda com o processo de municipalização, havendo a transferência dessa responsabilidade para o município de Marabá, então houve a incorporação, à rede municipal, dos alunos das classes especiais.

Em 2001 com a autonomia, o município substituiu as classes especiais pelas Salas de Recursos (SR) e Salas de Apoio Pedagógico (SAPE), os alunos foram inseridos nas classes comuns e atendidos no contra turno. Já no ano de 2007 foram criadas as Salas de Recursos Multifuncionais (SRMs) no lugar das SRs e SAPEs em reflexo ao desenvolvimento de ações previstas no programa do Ministério da Educação (MEC) nomeado Educação Inclusiva: Direito à Diversidade. Com a evolução dos processos, foram criadas instituições para atendimentos especializados como, por exemplo, o CAP (Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual) que em meados de 2004 iniciou seus trabalhos, APAE, que atende aos deficientes intelectuais desde 19 de fevereiro de 1997 e os deficientes auditivos foram atendidos por uma equipe especializada a qual também colaborava nas SRMs.

Podemos perceber que existe uma relação dos avanços regionais com os avanços nacionais sobre o tema, pois conforme documentos oficiais que tratam sobre a obrigatoriedade da educação especial foram sendo aprovados progressos foram acontecendo. O desenvolvimento da educação especial em Marabá é um fato constatado, mas todos os envolvidos reconhecem que existem conquistas ainda para serem feitas em cada setor.

## **2. O OLHAR DA UNIVERSIDADE SOBRE DEFICIÊNCIA E ENSINO SUPERIOR**

O histórico da educação especial anteriormente apresentado, embora não de forma explícita, trata dos níveis iniciais da educação básica (acesso à escola especial, depois acesso à escola comum, atendimento especializado, entre outras temáticas). Isso evidencia a baixa expectativa social com relação às possibilidades da presença de pessoas em situação com deficiência no meio universitário, assim como o pouco valor da temática na elaboração e organização dos cursos de nível superior. No entanto, o movimento recente de inclusão dessas pessoas no mundo educacional tem trazido esse debate para o interior das universidades, responsáveis que são pela formação de professores e por educação superior de qualidade para setores cada vez mais amplos da população. Com a ajuda dos descritores “educação especial”, “ensino superior” e “deficiência”, encontramos na base de dados Scielo alguns trabalhos que ajudam a esboçar o momento atual da educação de pessoas com deficiência no nível superior no Brasil: Sonza, Santarosa e Costi (2003), Nuremberg (2008), Silva, Cymrot e D’Antonino (2012), Souza e Santos (2012), Santos (2012), Anjos (2012), Caiado e Vilaronga (2013).

Silva, Cymrot e D’Antonino (2012, p. 670) revelam, em sua pesquisa realizada em uma universidade particular paulista, que as dificuldades em relação à inclusão são ainda: “desconhecimento da temática pela comunidade universitária, preconceitos e discriminações, barreiras arquitetônicas, ausência de assessoramento, falta de capacitações de professores”. Provavelmente essa não é uma realidade somente daquela universidade, percebemos que são problemas de primeira ordem. Com essa constatação entendemos que ainda não evoluímos de questões básicas, no entanto relevantes, como o preconceito e discriminação.

Outras dificuldades, mencionadas por Souza e Santos (2012, p.467), são “a burocracia excessiva que atrapalha a agilidade das ações e a falta de hábito de pensar no bem de todos os alunos”. Apesar de essas conclusões terem sido extraídas de um estudo na Universidade Federal de Sergipe podemos facilmente, percebê-las em diversas outras instituições de ensino superior.

Santos (2012) afirma que a universidade brasileira em geral ainda lida com dificuldade com as minorias as quais foram historicamente marginalizadas e/ou segregadas do processo de educação formal. Mas por força da legislação vigente, as universidades têm repensado suas posturas e práticas sobre a temática, um exemplo

disso foi a portaria nº 1.793/1994 a qual propôs a oferta da disciplina “Aspectos ético-políticos-educacionais da Normalização e Integração da Pessoa Portadora de Necessidades Especiais”; no primeiro momento nos cursos de graduação em Pedagogia, Psicologia, e demais licenciaturas na Universidade pesquisada.

Em relação específica a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino superior, Santos, J. (2012) levanta dois questionamentos: “como as universidades enfrentam os desafios da inclusão educacional de estudantes com deficiência em seu *locus* de formação? Quais as lutas que se travam na formação universitária, em seus processos de ensino, pesquisa, extensão, em seus currículos, formas de avaliação, tempos e ritmos para permitir o acesso, a permanência e a terminalidade de cursos daqueles estudantes que vivem a condição de deficiência? (p.391). E ainda afirma ser necessária a reflexão sobre quais os motivos da dificuldade do ingresso desses alunos no ensino superior e também de sua permanência, pois a autora defende a inclusão de alunos em situação de deficiência como uma oportunidade de haver uma mudança na rota da formação universitária proporcionando o encontro da diversidade humana, o que ela concorda ser interessante para estimulação da autonomia intelectual.

Anjos (2012) pesquisa também a proposta da criação de núcleos de acessibilidade nas instituições de ensino superior e acende ainda outras discussões relevantes como a ação do docente na educação superior devido a presença concreta da pessoa em situação de deficiência nas universidades e baseada na declaração de Salamanca, de 1994, menciona o papel da academia em assessorar, pesquisar e produzir informações acerca da inclusão que contribuam para a educação. Cita como sugestões para o sucesso da inclusão no ensino superior o diálogo direto com o aluno e educadores e apoiada em Siqueira e Santana (2010, p.134) também pesquisadores do tema, o treinamento técnico de servidores e docentes, adaptações curriculares para melhor ensino-aprendizagem de todos, parcerias com escolas para desenvolvimento de pesquisa para contribuição e transformação da realidade local e regional.

Anjos (2012) em seu texto levanta a seguinte questão: “como as barreiras do ensino superior serão quebradas, se não forem evidenciadas?” e com isso propõe que o melhor caminho para a superação dessas barreiras, é ouvir dos próprios discentes presentes na universidade quais são suas maiores necessidades e dos docentes quais suas demandas. Concordando com esse pensamento, o Grupo de Estudos e Pesquisas do Núcleo de Educação Especial (GEP/NEES), pertencente ao curso de Licenciatura em

Pedagogia (UFPA) em Marabá, estabeleceu situações de aprendizagem coletiva envolvendo esses alunos em situação de deficiência e seus educadores. Com essas conversas entre alunos e educadores, vieram à tona barreiras que antecederiam o ensino superior, mas que interferiam diretamente na permanência com qualidade desses alunos na Universidade, o que resultou em um projeto, o qual envolvia alunos voluntários de diversas licenciaturas, bolsistas, pesquisadores, intérpretes e alunos do ensino médio cegos e com baixa visão em um turno e alunos surdos em outro turno, com o objetivo de atender pessoas cujas lesões ou limitações impediam ou reduziam o uso da palavra escrita, da imagem ou do som. Em paralelo a isso, o projeto de extensão também se empenhava em ajudar na adaptação de materiais para os alunos com necessidades especiais presentes na universidade.

Tal projeto evoluiu para uma pesquisa de história de vida das professoras de salas multifuncionais do município e a convergência dessas histórias com a realidade dos alunos que passaram pela “sala de recursos” e hoje estão no ensino superior. Compreende-se que cada região tem realidades e demanda específica, por isso mesmo o interesse deve iniciar de cada instituição se propondo a superar e evoluir a partir de autoconhecimento e aperfeiçoamento do saber específico.

Caiado e Vilaronga (2013) também usam do relato da história de vida escolar de quatro deficientes visuais para discutir, do ponto de vista do aluno, como é a educação especial para eles, sucessos, frustrações, metodologias entre outros assuntos. O artigo nos faz dar ainda mais importância à voz do mais interessado nesse tema, o próprio estudante em situação de deficiência, respeitando seu papel de cidadão e sujeito de sua própria história.

Em outro texto Caiado, Sonza, Santarosa e Costi (2003) apresentam e discutem a importância das tecnologias assistivas na vida desses discentes, no caso para os que estão em situação de deficiência visual por exemplo, o DOSVOX, VIRTUAL VISION e JAWS, pois esses recursos auxiliam muito no acesso a informação educacional e quando bem manipulados proporcionam um alto grau de independência para esses estudantes.

A respeito de ensino-aprendizagem, Nuremberg (2008) discorrendo a respeito das teorias de Vigotski explica a “lei da diversidade”, lei essa a qual define que cada um tem um modo de compreender e os deficientes também, porém por outros caminhos os quais devem ser observados e respeitados pelo educador. Diante disso, Nuremberg sugere que as atividades sejam focadas em: “atenção reforçada, memória mediada,

pensamento conceitual e mediação social (através da experiência com um vidente) (2008.p.313)”, partindo dessa compreensão, é ainda maior o desafio de provocar o saber em deficientes em situação de deficiência, como Caiado (2007) nos aconselha, levando em consideração a historicidade dos processos educacionais vividos pelo estudante.

Destaca-se, portanto, na literatura pesquisada, a necessidade de adaptações estruturais, de superação de barreiras atitudinais, de mudança nas perspectivas historicamente estabelecidas com relação ao aluno em situação de deficiência.

Diante de todos os aspectos mencionados sobre a educação especial, torna-se relevante a pesquisa realizada sobre a realidade de uma instituição federal de ensino superior no que diz respeito à educação especial em determinado período de sua história, pois através da compreensão curricular e práticas dessa instituição podemos compreender e aprender mais sobre o modo como esse tema tem sido tratado no ensino superior. Assim, assumiu-se a tarefa de pesquisar a presença da temática da educação especial no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará Campus Marabá (hoje Universidade do Sul e Sudeste do Pará), durante a primeira década de existência do Curso de Pedagogia com Projeto Pedagógico de Curso (PPC) próprio, enfocando o período de 1997 a 2007, na fala de seus egressos, para ajudar a compreender o espaço que este tema tem nesta universidade hoje.



### **3. FORMAÇÃO DE PROFESSORES: O CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASIL E A EXPERIÊNCIA LOCAL**

A história da educação brasileira passou por um grande número de transformações. No que diz respeito ao curso de Pedagogia também houve situações de mudanças algumas delas atreladas à razões políticas como na era militar. É importante reconhecermos esse processo histórico do curso, pois percebemos as causas para o formato atual.

Em seus textos Ferreira (2011) e Gallo (2009), afirmam que o curso de Pedagogia se constituiu em 1939 por meio do decreto-lei nº 1.190/39 de 4 de abril sendo realizado na Faculdade Nacional de Filosofia. Inicialmente a formação era em nível de bacharelado e tinha objetivo formar pessoas para assumirem cargos técnicos em educação, apesar de contradizer a própria proposta da faculdade que o curso era pertencente, no caso Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo (FFCL), a qual se propunha formar “um núcleo de pesquisas não profissionais, voltado especificamente para a formação cultural e específica, por meio dos estudos históricos, filosóficos e sociológicos, principalmente”(Ferreira, 2009,p.02). No entanto, se o pedagogo fosse licenciado, lecionaria em escolas primárias, a diferença na formação era que o bacharelado se conquistava com 3 anos de estudos e licenciamento em pedagogia eram os 3 anos de estudos mais 1 ano de didática que trazia em seu conteúdo “didática geral, didática especial, psicologia educacional, administração escolar, fundamentos biológicos da educação e fundamentos sociológicos da educação” (GALLO,2009,p.02).

Outro marco histórico para a Pedagogia aconteceu em 1962 com a aprovação do parecer CFE 251/62 o qual define novos parâmetros para currículo em termos de duração do curso, mas a dualidade bacharelado *versus* licenciatura continuou. Em 1968 o curso de pedagogia se desvencilha da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo e se integra a Faculdade de Educação. Em 1969, ocorre a aprovação do parecer CFE 252/69, o qual gera novamente mudanças no currículo e duração do curso que agora tem como obrigatoriedade a didática que antes era somente quando era desejado a licenciatura e traz no currículo a separação de habilidades técnicas, formando especialistas para planejamento, supervisão, administração e orientação. Habilidades essas que passam daquele momento em diante definir o perfil do pedagogo. Em 1971, durante o governo militar, ocorreu uma reforma no ensino superior o qual incorporou

características tecnicistas com o objetivo de inserir o Brasil nos padrões internacionais de educação do sistema capitalista.

Gallo (2009) destaca outro marco na história da pedagogia: em 1978 o Ministro da Educação lança a Portaria nº 541 de 22/06/1978, a qual se refere a “Complementação de Estudos para obtenção de Licenciatura Plena em Pedagogia”, ou seja, outros licenciados plenos com horas de estudos a mais poderiam obter o título de Licenciados Plenos em Pedagogia, desmerecendo completamente a graduação em pedagogia, o que gerou um movimento nacional de universitários que resultou no freio da aprovação do Conselho Federal da Educação. A ANFOPE (Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação) que antes se chamava CONARCFE (Comissão Nacional de Reformulação dos Cursos de Formação do Educador) defendeu o foco do curso na docência o que incentivou muitas universidades a reformularem seus currículos eliminando assim as habilidades técnicas.

Segundo Aguiar, Brzezinsk, Freitas, Silva e Pino (2006) dois anos após em 1980 ocorreu a I Conferência Brasileira de Educação, que teve como pauta questionamentos contra as políticas educacionais da ditadura e foi instalado o comitê Pro-Formação do Educador. Durante toda a década de 1980 o movimento dos Educadores ganha força e promove vários debates e manifestações públicas.

Anos após foi redigido o chamado “Documento Final” em 1983 na cidade de Belo Horizonte pela CONARCFE (Comissão Nacional de Reformulação dos Cursos de Formação do Educador) que confirma a ideia mestra de formar o professor, enquanto educador.

Outro ato proeminente é o CNE/CP nº 28/2001 que dá nova redação a pareceres anteriores, estabelecendo a duração e a carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena quando afirma:

“O objetivo deste Parecer, pois, é o de dar consequência a esta determinação que reconhece uma especificidade própria desta modalidade de ensino superior. A duração da licenciatura voltada para a formação de docentes que irão atuar no âmbito da educação básica e a respectiva carga horária devem, pois, ser definidas”.(CNE/CP nº 28/2001, p.01)

O divisor de água no curso de pedagogia foi a resolução CNE n. 1 de 15/05/2005, pois nela foram fixadas as Diretrizes Nacionais do Curso(DCN) e o perfil do profissional do pedagogo como educador na educação infantil e anos iniciais da do

ensino fundamental, organizador e gestor do trabalho pedagógico em diferentes possibilidades.

Ao compreender esse panorama da educação nacional podemos ter uma pequena visão da realidade acadêmica dos nossos entrevistados, eles sofreram influência em relação a currículo e carga horária de disciplinas por essas passagens de situações narradas acima.

### 3.1. A OBRIGATORIEDADE DA EDUCAÇÃO ESPECIAL COMO TEMÁTICA DO CURSO DE PEDAGOGIA

A temática sobre a educação especial nem sempre foi um assunto tratado em disciplinas do ensino superior com a frequência que é tratada hoje. Houve alguns documentos que foram relevantes para que a presença do tema chegasse a adentrar as salas da academia de pedagogia, a LDB/96, parecer 05/2005 e as DCN (Diretrizes Curriculares Nacionais) do curso de pedagogia.

A LDB/96 (Lei de Diretrizes e Bases) em seus artigos 58º, 59º e 60º do capítulo V que tem por tema “Da Educação Especial” afirma que esta modalidade de ensino precisa ser ofertada nas escolas em geral preferencialmente na rede regular de ensino, dessa forma os profissionais da educação necessitavam estar prontos para atender esses alunos em situação de deficiência.

No 3º parágrafo do artigo 58º no capítulo V da LDB deixa claro o dever constitucional do estado com a educação de zero a seis anos dos alunos em situação de deficiência. O artigo 59º narra sobre os deveres dos profissionais da educação o qual é de, proporcionar condições necessárias para esses alunos atingirem o desenvolvimento desejável, e uma educação especial para o trabalho com o objetivo de melhor integração na sociedade. No artigo 60º faz algumas explicações a respeito do atendimento dos alunos em situação de deficiência nas instituições privadas.

O parecer 05/2005 traz como um dos objetivos do curso de pedagogia “demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras” (p.09). Outro momento no documento que trata de educação especial como parte dos assuntos a serem considerados no curso é quando trata sobre o projeto pedagógico de cada instituição

dando liberdade a se aprofundar em áreas cujo haver necessidade local “dependendo das necessidades e interesses locais e regionais, neste curso, poderão ser, especialmente, aprofundadas questões que devem estar presentes na formação de todos os educadores, relativas, entre outras, a educação a distância; educação de pessoas com necessidades educacionais especiais” (p.10). Existem ainda trechos no parecer de 05/2005 que são ainda mais claros sobre a importância da educação especial no currículo de um pedagogo:

Nessa perspectiva, tem que se destacar a importância desses profissionais conhecerem as políticas de educação inclusiva e compreenderem suas implicações organizacionais e pedagógicas, para a democratização da Educação Básica no país. A inclusão não é uma modalidade, mas um princípio do trabalho educativo. (Parecer 05/2005,p.12)

Inclusão e atenção às necessidades educacionais especiais são exigências constitutivas da educação escolar, como um todo. Por conseguinte, os professores deverão sentir-se sempre desafiados a trabalhar com postura ética e profissional. (Parecer 05/2005, p.13)

As DCN, instituídas em 2006 levando em consideração outros documentos como o parecer 05/2005 e LDB, vêm reger as posturas e parâmetros do pedagogo e traz um trecho que também reforça relevância da presença da educação especial no curso quando diz que o pedagogo deve estar apto: “a reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais, afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas” (p.02). A partir das DCN existe um princípio claro do papel do pedagogo como docente, as áreas de atuação, forma de atuação e traça um perfil do curso de pedagogia vinculada a área de pesquisa, por isso é possível perceber nas diretrizes o espaço que de fato o educador preenche na sociedade.

Ao observar esses documentos, percebemos que o Estado faz com que o assunto da educação especial precise ser tratado na formação dos profissionais da educação, pois tais profissionais devem ser conscientes das suas práticas pedagógicas para com esses alunos quando se depararem com eles, pois sua presença é direito garantido por lei. Sendo assim, as universidades passam a ser obrigadas a tratarem a respeito do tema em seus currículos, como fica explícito nos documentos a necessidade dessa postura.

### 3.2.O CURSO DE PEDAGOGIA DA UFPA NO CAMPUS DE MARABÁ: UM BREVE HISTÓRICO

Para a pesquisa histórica do curso de pedagogia em Marabá foi estudado o projeto pedagógico do curso (UFPA, 2012). A graduação de pedagogia foi iniciada no

município de Marabá em 1987, e naquele momento com apenas uma turma no modo intervalar, no ano de 1990 foi criada outra turma também intervalar. No ano de 1994 foi criada a primeira turma no regime regular. As turmas de pedagogia 1994 e 1998 participaram de forma bem próxima do processo de avaliação que começou em 1994 e findou em 1998 com a aprovação da resolução 2.669/99-CONSEP, a qual hoje define composição curricular do curso. Após isso no ano de 1999 a universidade começou ofertar turmas intervalares e regular ambas baseadas na nova estrutura curricular aprovada. Onde intervalar consiste em turmas durante o período dos intervalos letivos das turmas regulares, enquanto as regulares são as que têm o período estendido o ano inteiro.

Essa estrutura curricular proposta na resolução 2.669/99-CONSEP se apresentava com um núcleo de conteúdos básicos, um núcleo de conteúdos específicos e um núcleo eletivo. No primeiro núcleo o objetivo era capacitar os profissionais através de uma formação teórico-prática, a qual facilitaria o embasamento para a construção dos processos educativos em diversos ambientes. No segundo núcleo a meta era qualificar o futuro pedagogo para atuar nas diferentes áreas de abrangência do curso. E no terceiro núcleo o alvo era proporcionar ao aluno, a possibilidade de moldar o seu próprio currículo acadêmico nas áreas de estudos oferecidas no campus que iam além dos núcleos básicos e específicos.

A oferta dos núcleos de estudos em Marabá teve início em 2001 e eram eles: os Núcleos de Educação Ambiental (NEAM) Educação do Campo (NECAMPO); Educação, Tecnologias Informáticas e Comunicacionais (NETIC); Educação Especial (NEES); Arte Educação (NUAR). O aluno teria a oportunidade de se envolver nas atividades dos núcleos a partir dos dois últimos semestres. Esses núcleos foram pensados para atender necessidades (enquanto temáticas) locais da região, participar nos projetos de pesquisa de pesquisa e extensão dos docentes presentes no campus, buscar atender a expectativas de estudos não satisfeitas no núcleo básico e específico e incentivar a formação na perspectiva pedagogo-professor-pesquisador.

O curso de pedagogia naquele momento se caracterizava da seguinte forma:

- 40 vagas anuais;
- Turno de funcionamento matutino e noturno;
- Curso de forma presencial;

- Habilitação do pedagogo a atuar na educação infantil e séries iniciais, disciplinas pedagógicas de nível médio, gestão, assessoria e coordenação pedagógica em ambientes escolares e não-escolares;
- Concedia título de Licenciado Pleno em Pedagogia;
- A carga horária total do curso será de 3.365 horas, distribuídas em 8 semestres durante o período de 4 anos;
- Carga horária de 40 horas semanais;
- Ofertas de atividades eram modular e paralela<sup>1</sup>;

Para melhor compreensão do núcleo de educação especial dentro do PPC do curso existe um tópico que tem por título “Política de Inclusão Social” o qual menciona o Núcleo de Educação Especial (NEES) como uma conformidade legal exigida, que oferece atividades curriculares específicas e em conjunto com o núcleo de acessibilidade atendimento as pessoas em situação de deficiência.

Compreender essa realidade local no que diz respeito à história da pedagogia no campus de Marabá nos faz mais próximos de entender a concepção do curso para os entrevistados, cada um teve sua vida acadêmica em diferentes momentos da universidade, por isso esse breve olhar nos localiza melhor historicamente durante a observação das falas deles. Em particular sobre o tema de educação especial o qual é presente no campus através do Núcleo de Educação Especial (NEES) e em respeito às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), que direcionam ao estudo dessa temática durante a formação dos profissionais da educação.

---

<sup>1</sup> Entende-se por modular o sistema em que o curso era ofertado nos períodos de janeiro a março e julho a agosto, paralelamente à oferta regular.

#### **4. A VOZ DOS EGRESSOS: PRODUÇÃO DE UM ESPAÇO PARA AS DISCUSSÕES DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO CURSO DE PEDAGOGIA**

Nesse momento da pesquisa é de grande relevância trazer a fala de pessoas que vivenciaram a realidade acadêmica da UFPA Campus Marabá em seus diferentes momentos, pois esse movimento nos fará enxergar os passos dados em relação à educação especial dentro do Campus. Para isso foram entrevistados dois egressos do sexo masculino e dois do feminino, aqui referidos pelos pseudônimos de Rosa (turma 97), a qual hoje atua na coordenação pedagógica e auxiliadora no NEI (Núcleo de Educação Inclusiva) da UEPA, Antônio (turma 99) que hoje atua na rede municipal lecionando na sala de recurso e no CAP (Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual), João (turma 2001) professor da rede municipal de Sala de Recurso Multifuncional e Margarida (turma 2004) trabalha no CAP e conselheira do Conselho Municipal dos Direitos das Pessoas com Deficiência (CMDPD). A entrevista seguiu um roteiro de entrevista previamente organizado, registrados por gravações em áudio e em seguida transcritas na íntegra, respeitando as normas para transcrições de textos orais (PRETI, 1999).

Na pesquisa, o objetivo era analisar a configuração da educação especial no curso de Pedagogia, nas turmas de 1997 a 2007, na voz dos próprios egressos e com isso ter uma visão panorâmica das vivências acadêmicas dos entrevistados. Durante a análise das entrevistas, foram destacadas categorias para serem analisadas. São elas: (a) expectativas sobre educação especial ao ingressar na Universidade; (b) configuração da disciplina Educação Especial no curso; (c) outras atividades que envolveram educação especial; (d) outras disciplinas que contribuíram para o interesse por educação especial.

##### **4.1 EXPECTATIVAS INICIAIS.**

Ao ingressar no ensino superior os entrevistados tinham motivações diferentes. João já era concursado e lecionava no município nas salas especiais, Antônio admirava a profissão, Rosa tinha o sonho de trabalhar na área da educação e Margarida tinha a meta de iniciar e concluir o curso escolhido. O único a mencionar a educação especial em meio as expectativas iniciais que tinha para o curso foi João, devido a já atuar na área:

Então a essa altura eu já era professor da rede pública municipal, eu já era concursado, já trabalhava com educação especial, mas tinha grande expectativa de encontrar no curso uma formação que me desse conta de

responder tudo aquilo eu não tava conseguindo na atuação profissional. (João p.01,ls32-35)

Inicialmente os outros entrevistados não mencionaram a educação especial, pois a temática era recente principalmente na realidade local, pois em 2001 nas redes públicas o assunto passa a ser responsabilidade do município, por isso houve uma aproximação maior da necessidade local com a Universidade, um exemplo disso foi o João, mas futuramente todos seriam conquistados por ela. É relevante ressaltar que a educação especial só ganhou mais força a partir da LDB de 96, apesar de já mencionado até mesmo antes da Constituição de 88, Mazzota (2011) em seu texto chama atenção para o Capítulo III, da Educação, da Cultura e do Desporto, artigo 205 (p.81) o qual toca em temas específicos sobre direito à educação aos alunos em situação de deficiência.

#### 4.2- CONFIGURAÇÃO DA DISCIPLINA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO CURSO.

A disciplina de educação especial foi se modificando no decorrer dos anos dentro do curso. Na turma de Rosa que ingressou em 97 (regida pela resolução 1234/85 CONSEP) a carga horária era de 45 horas, já na turma de João egresso da turma de 2001 (resolução 2.669/99-CONSEP) a carga horária era de 60 horas, porém não existia a obrigatoriedade do ensino de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), o qual era sua maior necessidade, pois na sala na qual lecionava existia alunos surdos. A obrigatoriedade de inserção de libras no currículo foi só com o Decreto 5626 de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005). Por isso nenhum dos entrevistados cursou essa disciplina.

[...] então foi muito gratificante, mas ao mesmo tempo foi frustrante, porque eu tinha a expectativa de ter muito mais conhecimento a partir da universidade na minha área de atuação e a oferta de uma disciplina de 60 horas em educação especial é muito curto e ainda lá em 2002-2003 a disciplina de LIBRAS não era obrigatória no curso de licenciatura como é hoje, então nem isso nós tivemos (João p.02, ls. 49-54)

Nós tivemos uma disciplina inclusive com a *Violeta*, com a professora *Violeta* de educação especial, e naquele momento nas 45 horas aulas, 45 horas aulas né?! e a *Violeta* dizia assim: “O que nós vamos fazer em 45 horas aulas? “Então nós discutimos um pouco do contexto histórico (Rosa, p.04, ls.143-146)

Rosa, Antonio e João mencionaram terem feitos uma exposição sobre a temática nos corredores da Universidade com o objetivo de externalizar o conhecimento adquirido em educação especial e obtenção de conceito. Somente João fez referência sobre visitas a instituições de atendimento especializado durante o período da disciplina.



Foi destacada por Rosa, Antonio e João a satisfação com as discussões feitas durante a disciplina e com a professora que conduziu a disciplina.

Tive a felicidade de ter uma ótima professora na época, professora *Violeta*, então ela direcionou a disciplina por um campo muito mais prático exploratório para a gente conhecer mais educação especial, conhecer os espaços, e trazer isso como uma forma de feira de educação especial na época aqui dentro da universidade pra mim, foi um aprendizado” (João, p.02, ls. 64-68)

Nós fizemos uma mostra nos corredores da universidade e (...) lá que a gente teve contato os tipos de deficiência que me aprofundei depois para atuar a área, então (...) foi lá que primeira vez eu vi colegas, eu também, estudando sobre a minha patologia, deficiência visual, que dentre as modalidades lá que tinha, mental, física, tinha a visual, e foi aí que as pessoas começaram a se despertar. (Antonio, p.02,ls. 70-75)

eu fui propus pra *Violeta*, porque que a gente não faz ao invés do seminário interno aqui na sala agente não faz e espalha em toda a universidade? Os grupos fazem apresentações de banner, daquilo que tiver ao alcance de todos. (Rosa,p.04,ls.153-156)

Ao olharmos o histórico do curso de pedagogia no Brasil verificaremos que apesar do curso ter sido criado em 1930 após muitas mudanças de concepções, a LDB em 96 as DCN só foram instituídas em 2006. Em se tratando sobre educação especial a temática foi ganhando espaço nas discussões acadêmicas até um pouco antes disso, pois houve a portaria nº 1.793/1994 que propôs a disciplina “Aspectos éticos-políticos-educacionais da normatização e integração da pessoa portadora de necessidades especiais” em primeiro ocasião para cursos de graduação em Pedagogia, Psicologia, e demais licenciaturas, isso foi uma mudança significativa, pois são esses diálogos que fazem amadurecerem os profissionais para uma qualificação e segurança na atuação específica. E assim cumprir um dos objetivos do curso descrito pelas DCN que é de “reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais, afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas” (DCN Art. 4º, V, p.02)

#### 4.3 OUTRAS ATIVIDADES QUE ENVOLVERAM EDUCAÇÃO ESPECIAL.

A temática educação especial emergiu também em outras atividades acadêmicas dos entrevistados como, por exemplo, estágios, bolsa para estudos no núcleo de educação especial, atividades do núcleo, projeto de extensão e trabalho de conclusão de curso. Rosa (turma97), João (turma 2001) e Margarida (turma 2004) mencionaram experiências atividades vinculadas a educação especial durante seu período acadêmico.

Rosa conta que devido uma experiência agradável que viveu na sua infância sempre foi inclinada a educação especial e durante o curso viveu intensamente cada fato que abrangesse o tema, por isso redigiu seu trabalho de conclusão de curso sobre educação especial mesmo diante de dificuldades como falta de orientador para sua temática, “mas o meu TCC eu fiz direcionado pra educação especial” (Rosa p.04, ls164-165).

João realizou seu estágio no seu próprio trabalho já que atuava na área da educação e lecionava para surdos e também por isso fez seu trabalho de conclusão de curso baseado na sua experiência profissional até aquele momento.

então eu acabei estagiando em educação especial no meu próprio local trabalho, escrevi um tcc sobre minha área de trabalho na época, que eu trabalhava exclusivamente com surdez, né?! e consegui ai desenvolver um estudo mais voltado pra aquilo eu já fazia (João p.02,ls46-49)

Margarida conquistou vivências acadêmicas preciosas com a educação especial. Foi bolsista do programa *PARD* (programa de instalação de recém doutor) com a professora *Violeta*, participou do núcleo de estudos e dentro deste núcleo teve a oportunidade de fazer visitas ao CAP (Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual), a APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), participar de oficinas do núcleo e formação pela SEMED (Secretaria Municipal de Educação), participou de um projeto de extensão o qual era um cursinho pré-vestibular para alunos com deficiência visual e auditiva e concebeu seu trabalho de conclusão de curso dentro do tema. “Então a expectativa do meu *TCC* era dialogar o que eu tinha interesse com a educação especial” (Margarida p.04, ls.161-163)

Podemos perceber principalmente pela fala de Margarida como é positiva a experiência com o núcleo eletivo. O PPC do curso em relação ao tema de núcleos deixa claro que o objetivo é dar liberdade ao aluno escolher áreas de estudos do seu interesse de acordo com os temas ofertados pela universidade:

O núcleo eletivo, na resolução anterior, foi proposto com o objetivo de possibilitar ao aluno a construção de um percurso acadêmico próprio e adequar o currículo do curso às diferentes realidades regionais dos Campi, buscando atender a perspectivas de estudos não contempladas no núcleo básico e específico.”(Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia/Campus Universitário de Marabá, 2011, p.08)

A experiência acadêmica foi tão motivadora que hoje esses entrevistados são atuantes na educação especial local. Um dos momentos proporcionados pelo núcleo

citada em Anjos (2012), a qual é diretora do NEES, foi o diálogo direto com os acadêmicos baixa visão e cegos, docentes e o grupo para encontrarem maneiras de permanência e didática em sala de aula para que os discentes atingissem o aprendizado almejado.

#### 4.4 OUTRAS DISCIPLINAS QUE CONTRIBUÍRAM PARA O INTERESSE POR EDUCAÇÃO ESPECIAL

Durante a entrevista, Rosa (turma 97), Antonio (turma 99) e João (turma 2001) se referiram a outras disciplinas que deram suporte para que hoje eles usassem conhecimentos específicos em suas atividades pedagógicas. As disciplinas mencionadas foram: Psicologia da Educação, Psicogênese da Linguagem Oral e Escrita, Política Educacional e Corporeidade e Educação.

A disciplina mais citada foi Psicologia da Educação:

teve disciplina inclusive que foi excluído do currículo durante o meu curso com o semestre inteiro que era Introdução a Psicologia, mas introdução a psicologia mais psicologia profissional, psicologia do desenvolvimento, foram disciplinas que me fizeram ter uma noção muito grande do que eu tava fazendo, tentando fazer na sala de recurso, porque atrelado a isso nessa época, teve uma política muito intensa da formação do professor da educação especial (João p.2-3, ls78-84)

Outra disciplina muito valorizada pelos entrevistados foi Psicogênese da Linguagem Oral e Escrita

na época a gente tinha a disciplina chamada Psicogênese da Linguagem Oral e Escrita, então, que fazia o estudo dos estágios de aprendizagem de leitura e escrita, isso me deu um impulsionamento muito grande na minha atuação profissional com alunos que tinham dificuldade de aprendizagem de leitura, os alunos que apresentavam alguma deficiência mental e os alunos surdos pelo desencontro das línguas, a gente teve as disciplinas ( João p.02, ls77-79).

Rosa destacou como relevante as mesmas disciplinas acima, mas acrescentou outras a lista; são elas: Política Educacional e Corporeidade e Educação.

corporeidade e educação, nós tivemos também uma disciplina, uma professora que veio de Belém não me recordo mais o nome dela e que foi uma disciplina que também trabalhou muito a questão do corpo em relação a pessoa com deficiência (Rosa p.06, ls231-234).

97 nós tínhamos uma LDB recém..., bem de 96 bem novinha digamos assim, mas que no momento em que nós discutimos dentro da disciplina de políticas públicas pouco falou-se na LDB né?! e quase nada foi dito em relação a educação especial convergindo para questão das políticas públicas, então era uma ausência mesmo, era uma ausência, e não era por conta, não vamos pré julgar o professor não “a o professor não falou, não!” a estrutura da

universidade, a estrutura do curso não convidava ainda pra essa discussão (Rosa p.04,ls134-141).

Entendemos então, que o tema educação especial foi se tornando presente em outras disciplinas e o viés específico de cada uma delas contribuiu de maneira significativa na vida deles. A definição da LDB para que esse tema estivesse na rotina das salas acadêmicas de pedagogia foi explícito quando exige do profissional da educação a habilidade para lidar com os alunos em situação de deficiência nas salas de aula

**Art. 59º.** Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

**I** - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades. (BRASIL, 1996, p.21).

Portanto devido a essa exigência foi necessário um novo pensar sobre a educação especial no curso, para isso ocorreram novas discussões e por meio delas vieram a disciplina específica com carga horária inicialmente de 45 horas e que depois 60 horas, projetos de pesquisa e extensão com o objetivo de atender a essa realidade de cumprir a lei ao oferecer aos educandos em situação de deficiência, a possibilidade do aprendizado necessário e para que isso acontecesse era indispensável que a temática passasse por todas disciplinas afim de promover condições para o educador cumprir o seu papel.

## CONCLUSÕES

Ouvir os egressos contar sobre um período precioso para eles, no caso o tempo na academia mais direcionado a educação especial, foi enriquecedor, era como se assistisse a um documentário, pois as vivências deles se confundiam com a história do curso.

Como foi já abordado nesta pesquisa, a história da educação especial foi sempre de superação de preconceitos, de uma sociedade com resistências atitudinais e de pensamentos. A falta de condições para um convívio sem barreiras com as pessoas em situação de deficiência fez com que de início houvesse uma segregação, estudiosos da história da educação especial como Mazzota e Mendes relatam em seus textos, aqui usados como parâmetro, as sucessivas batalhas para que primeiramente se compreendesse o conceito de educação especial e após as necessidades para que ela acontecesse. Em nível nacional, o aumento de pesquisas sobre o tema e de instituições que se propuseram a oferecer atendimentos especializados para esses alunos foi um ganho real. Dessa forma os documentos e interferência do Estado a favor da educação especial foi também um grande passo.

Assim como nacionalmente, no município de Marabá as conquistas foram gradativas e em algumas situações por esforços de um numero reduzidos de pessoas interessadas no assunto. As instituições como APAE e CAP, somados aos esforços das pessoas atuantes da área, tem um valor muito grande na história da educação especial no município.

Um dado interessante destacado nas entrevistas foi a ausências de expectativas iniciais ao entrar no curso referente ao tema educação especial, um dos egressos chegou a mencionar que não fazia ideia do conceito sobre o tema e por isso nem pensava sobre isso antes dos primeiros contatos com o mesmo. Esta realidade revela a ausência da abordagem do assunto na Universidade em determinados momentos da história da mesma.

Devido a documentos legais como a Constituição de 1988, LDB e as DCN a postura das universidades mudou, refletindo na rotina e currículos dos cursos (em particular nas licenciaturas), em destaque aqui a Licenciatura Plena em Pedagogia

ofertada pela UFPA em Marabá. Isso aconteceu em âmbito nacional e no local, a prova disso está nas falas dos nossos egressos entrevistados, pois ao analisar as entrevistas é possível enxergar o movimento crescente da temática dentro da história do curso.

É possível perceber isso quando um entrevistado revela ter tido carga horária de 45 horas de disciplina e o outro foi 60 horas, mas sem a presença obrigatória de libras. Ambos passaram por situações diferentes dentro do mesmo curso no entanto em períodos diferentes.

Outro caso relevante para ser destacado sobre o progresso do tema na Universidade foi um egresso mencionar ter participado de um projeto de extensão sobre o assunto, ou seja, durante o período estipulado para pesquisa que foi de 1997 a 2007 as mudanças partiram da ausência da discussão para presença significativa, pois Margarida da turma de 2004 já experimentou outros ares na universidade como núcleo de estudo específico da temática, projeto de extensão e uma proximidade com as instituições especializadas e SEMED a ponto de participar de oficinas e formações.

Em razão dessa dimensão que a educação especial foi ganhando, o tema também começou a ser tratado de forma transversal nas outras disciplinas, como menciona Rosa da turma de 97 que diz ter discutido de forma tímida o assunto na disciplina de política educacional, pois a LDB era muito recente e não se falava muito sobre o assunto na época. Antonio, da turma de 99 e João, da turma de 2001 mencionam ter discutido o assunto em Psicogênese da Linguagem Oral e Escrita.

Diante dessa vivência que foi pesquisar a história da educação especial local, foi alcançado o objetivo de analisar a experiência pontual com a questão para compreender como se configurou a educação especial no curso de pedagogia em Marabá através da voz dos egressos. Essa configuração implicou na criação de disciplinas direcionadas, núcleo de estudo de educação especial, projeto de extensão e pesquisa, trabalhos de conclusão de curso sobre o tema e uma representação mais intensa do tema no curso.

Tratar sobre um assunto próximo que influencia também na sua própria história foi um exercício único e gratificante. Deixo em aberto aqui o desafio para os interessados na temática darem prosseguimento na pesquisa, pois existem pontos relevantes sobre formação e resultados na sociedade local a serem discutidos com o

finalidade de conhecermos ainda mais sobre nossa realidade para melhor exercermos nosso papel de cidadão profissional da área da educação.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. A. da S.; BRZEZINSKI, I.; FREITAS, H. C. L.; SILVA, M. S. P. da; PINO, I. R. Diretrizes curriculares do curso de pedagogia no Brasil: disputas de projetos no campo da formação do profissional da educação. *Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 27, n. 96 - Especial, p. 819-842, out. 2006, p. 819-842

ANJOS, H. P. (org.). *As histórias de todas e de cada uma: construindo um trajeto para a educação especial*. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2014.

ANJOS, H. P.. Inclusão da pessoa com deficiência no Ensino Superior: Primeiras aproximações. In: MIRANDA, T. G e GALVÃO FILHO, T.. *O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares*. Salvador, EDUFBA, 2012. p.367-384.

ANJOS, H. P. *et al.* Práticas pedagógicas e inclusão: a sobrevivência da integração nos processos inclusivos. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 34, n. 123, p. 495-507, abr.-jun. 2013, p.495-507.

BRASIL. Decreto 5626 de 22 de dezembro de 2005. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)> Acesso em 12.Mar.2015

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em 12. Mar. 2015.

BRASIL. *Parecer CNE/CES nº 5/2005*. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05\\_05.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf)> Acesso em 12. Mar. 2015  
<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&id=12991:diretrizescurriculares-cursos-de-graduacao](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12991:diretrizescurriculares-cursos-de-graduacao)>.

BRASIL. *Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006*. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf)>. Acesso em 12. Mar. 2015.

CAIADO, K. R. M. *Entrevista: educação especial, pesquisa e história de vida*. Ponto de Vista, Florianópolis. n. 9, 2007, p.145-148.

DINIZ, D.. *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção primeiros passos ; 324).

FERREIRA, V. L.. Curso de pedagogia no Brasil: história e formação com pedagogos primordiais. *Cad. Pesqui.*, São Paulo , v. 42, n. 145, p. 311-316, abr. 2012 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742012000100019&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742012000100019&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 01 jun. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742012000100019>.



GALLO, M. S. C.A História da formação de pedagogos no curso de pedagogia: Um debate identitário. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 26 a 29 de outubro de 2009 – PUCPR.

MAZZOTTA, M. J.S. *Educação especial no Brasil: história e políticas públicas* -6.ed. - São Paulo : Cortez, 2011.

MENDES, E.G. Breve histórico da educação especial no Brasil. In: *Revista Educación y Pedagogia*, Medellín, Universidad de Antioquia, Facultad de Educación, vol.22, num.57, mayo-agosto, 2010, pp.93-109.

NUREMBERG, A. H. Contribuições de Vigotski para a educação de pessoas com deficiência visual. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 2, p.307-316, abr./jun.2008.

SANTOS, A. C. N; SOUZA, V. R. M. Inclusão, ensino e pesquisa na Universidade Federal de Sergipe. In: MIRANDA, T. G e GALVÃO FILHO, T.. *O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares*. Salvador, EDUFBA, 2012, p.461-478.

SANTOS, J. B. Inclusão e preconceito na universidade: possibilidades e limites para estudantes com deficiência. In: MIRANDA, T. G e GALVÃO FILHO, T.. *O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares*. Salvador, EDUFBA, 2012 p.385-402.

SANTOS, M. C. Universidade Estadual de Feira de Santana: Trajetórias, desafios e proposições para a inclusão no ensino superior. In: MIRANDA, T. G e GALVÃO FILHO, T.. *O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares*. Salvador, EDUFBA, 2012p.435-450.

SILVA, A. M.; CYMROT, R. e D' ANTINO, M.E.F. Demandas de docentes do ensino superior para a formação de alunos com deficiência. *Rev.Bras.Estud. Pedagog.*, Dez 2012, vol.93, n.235, p.667-697. .

SONZA, A. P.; SANTAROSA, L. M. Ambientes digitais virtuais: acessibilidade aos deficientes visuais. *Novas Tecnologias em Educação*. Porto Alegre, V. 1 N° 1, Fevereiro, 2003.

VILARONGA, A. A. R. ; Caiado, K. R. M.. Processos de Escolarização de Pessoas com Deficiência Visual. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 19, n.1, p.61-78, Jan.-Mar., 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, Curso de Pedagogia Marabá. *Projeto Pedagógico do Curso*, 2012.

ANEXOS

ANEXO 1

Normas para transcrições de textos orais

Fonte: PRETI, 1999 (adaptado por ANJOS, 2006)

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	do nível de renda...( ) nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre	/	fomos/eles foram...
Entonação enfática	MAIÚSCULA	porque você vai ter que entenDER
Prolongamento de vogal e consoante	::podendo aumentar para ::: ou mais	fale::i...falei...
Silabação	-	e questão de res-pon-sa-bi-li-da-de
Interrogação	?	e assim... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos...ou três razões...
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	no estado ((nas escolas estaduais))... em Marabá
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	-- --	Essa situação- - foi o caso que te contei- -é muito difícil...
Superposição; simultaneidade de vozes	Ligando as [ linhas	e pra não ferir a outra pessoa... [ e não...não ferir alguém...
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	quanto mais tempo de... (...) porque lá ninguém me conhece...
Citações literais ou leitura de textos, durante as	“mm”	já chegaram até pra mim a dizer

gravações		“olha... pelo amor de Deus”...
-----------	--	--------------------------------

## 1 ANEXO 2

2

## QUADROS ANALÍTICOS

3

4

## QUADRO 1: EXPECTATIVAS SOBRE EDUCAÇÃO ESPECIAL AO INGRESSAR NA UNIVERSIDADE

5

Entrevistados	Trechos	Comentário da pesquisadora
Edson(João)	“Entrei aqui na Universidade Federal do Pará para cursar pedagogia no ano de 2001, né?! Então a essa altura eu já era professor da rede publica municipal, eu já era concursado, já trabalhava com educação especial, mas tinha grande expectativa de encontrar no curso uma formação que me desse conta de responder tudo aquilo eu não tava conseguindo na atuação profissional , né?!Então, a escolha do curso de pedagogia entrada na universidade pra cursar, foi pra um crescimento profissional mesmo, as expectativas eram essas.”(p.01,ls 31-37)	Motivação profissional; Entrada no ano de 2001;
Ednaldo(Antonio)	“Olha...a minha vida acadêmica, eu entrei em 99 e sai em 2004, contando com defesa de tcc e tudo...é 2004...e assim ...quando eu entrei, na época cenário aqui na nossa cidade de ingresso a universidade era uma coisa muito restrita, existia só uns 6 cursos na época e eu escolhi a licenciatura porque, não vou dizer que era aquele sonho de infância mas em algumas vezes em sala de aula, achava bacana os professores que dominavam assim realmente o que tava dialogando socializando com os alunos e ai eu ingressei, mas com relação é...eu te confesso que no inicio eu não tinha muitas expectativas com a educação, até porque eu não atuava na educação antes de ingressar, e no meu ensino médio não foi na área do antigo magistério também, mas com as leituras e com as discussões e com a	Motivação pessoal; Restrição de escolhas e admiração pela profissão; Entrada no ano de 99;

	<p>militância da vida acadêmica eu me despertei e... decidi que queria atuar na educação e to até hoje né?!e tô atuando, não entrei com muita expectativa mas foi uma ascensão, com o tempo fui me familiarizando com a área e hoje gosto de atuar como professor.”(p.02,ls45-58)</p>	
<p>Maria José(Rosa)</p>	<p>“Agora minha vida acadêmica quando eu entrei na UFPA, eu entrei no processo de 97,e interessante que eu era uma das mais velhas dentro da turma né?! eu tinha colega de 17 anos e eu tinha 40 eu ia fazer 40 anos, então também foi uma experiência fantástica porque já tinha 20 anos que eu tinha parado de estudar mais de 20, mas o meu desejo era estudar, eu sempre tive o sonho de estudar ... Então assim, foi uma experiência muito boa, muito boa mesmo apesar de todas as dificuldades que nós vivemos, foram muitas, mas a expectativa era muito boa né ?! de aprender algo que me tornasse capaz de executar uma atividade, desenvolver uma atividade com maior segurança,principalmente voltada para a educação que sempre foi meu sonho” (p.3,ls110-123)</p>	<p>Motivações pessoais; Entrada em 97;</p>
<p>Miriam(Margarida)</p>	<p>“A minha vida acadêmica na universidade começou no ano de 2004, as minhas perspectivas sempre tive a pretensão de inicializar e terminar o curso finalizei em 2009, então a perspectiva era o ingresso e finalizar o curso, tinha isso tudo muito claro.”(p.2-3,ls85-88)</p>	<p>Motivação era entrar e terminar o curso; Entrada em 2002;</p>

## QUADRO 2: CONFIGURAÇÃO DA DISCIPLINA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO CURSO

Entrevistados	Trechos	Comentário da pesquisadora
Edson(João)	<p>“então foi muito gratificante, mas ao mesmo tempo foi frustrante, porque eu tinha a expectativa de ter muito mais conhecimento a partir da universidade na minha área de atuação e a oferta de uma disciplina de 60 horas em educação especial é muito curta e ainda lá em 2002-2003 a disciplina de libras não era obrigatória no curso de licenciatura como é hoje, então nem isso nós tivemos, só tivemos aquela única disciplina, e depois meu trabalho de conclusão de curso, foi voltado pra isso.”(p.02,ls49-55)</p> <p>“Bom, especificamente na disciplina de educação especial, durante o curso, é (...) eu não posso ser hipócrita de dizer que eu aprendi muita coisa né?! Por causa do tempo de duração da disciplina, da necessidade de estudo que se tem nessa área de educação especial, e (...) é desencontro entre o que você precisa aprender e o tempo da disciplina”(p.03,ls60-64)</p> <p>“tive a felicidade de ter uma ótima professora na época, professora <i>Violeta</i>, então ela direcionou a disciplina por um campo muito mais prático exploratório pra gente conhecer mais educação especial, conhecer os espaços, e trazer isso como uma forma de feira de educação especial na época aqui dentro da universidade pra mim, foi um aprendizado, de naquele momento perceber como eu poderia desenvolver uma pesquisa começar a enxergar a educação especial como um âmbito de pesquisa que até então, eu só tinha o ponto de vista do profissional que atuava, muito prático”(p.02,ls60-71)</p>	<p>Carga horária de 60 horas; Ausência da obrigatoriedade do ensino de libras; Conhecer espaços referentes a educação especial; Realização de uma feira sobre educação especial nos corredores da universidade.</p>
Ednaldo(Antonio)	<p>“sobre aula a educação especial assim (...) a primeira vez que a gente viu é (...) teve essa experiência né?! De discutir (...) não no campo prático, mas no campo da discussão, não vivenciamos o campo prático,</p>	<p>Discussão teórica; Realização de uma feira nos corredores na universidade;</p>

	<p>mas no campo da discussão nós tivemos a disciplina inclusive foi muito boa, bem ministrada pela professora <i>Violeta</i>, educação especial o nome da disciplina, e ela proporcionou um.. assim um (...) ambiente bom de discussão”(p.02,65-75)</p> <p>“É(...) eu queria ter dito assim um (...) contato maior ter vivenciado na prática é (...) esse ramo da educação essa modalidade, vista como modalidade que como eu falei a gente ministrou, teve uma disciplina, cursamos uma disciplina, mas a coisa não avançou depois tanto é que como eu também disse o tcc não teve nada haver coma temática”(p.03,ls101-105)</p> <p>“Nós fizemos um amostra nos corredores da universidade e (...) lá que agente teve contato os tipos de deficiência que me aprofundei depois para atuar a área, então (...) foi lá que primeira vez eu vi colegas, eu também, estudando sobre a minha patologia, deficiência visual, que dentre as modalidades lá que tinha, mental, física, tinha a visual, e foi ai que as pessoas começaram a se despertar”(p.02,ls70-75)</p>	
Maria José(Rosa)	<p>“nós tivemos uma disciplina inclusive com a <i>Violeta</i>, com a professora <i>Violeta</i> de educação especial, e naquele momento nas 45 horas aulas, 45 horas aulas né?! e a <i>Violeta</i> dizia assim: “ O que nós vamos fazer em 45 horas aulas?” Então nós discutimos um pouco do contexto histórico”(p.04,ls143-146)</p> <p>“eu fui propus pra Hildete, porque que a gente não faz ao invés do seminário interno aqui na sala agente não faz e espalha em toda a universidade? Os grupos fazem apresentações de banner daquilo que tiver ao alcance de todos”(p.04,ls153-156)</p> <p>“ai eu lembro que nosso grupo de atividade ficou sobre a hiperatividade nós fomos estudar isso, estudar e discuti”(p.04,ls160-161)</p>	<p>Carga horária de 45 horas; Atividades fora da sala de aula com interação com a comunidade acadêmica;</p>
Miriam(Margarida)		<p>Não citou especificamente a disciplina de educação especial.</p>

### QUADRO 3: OUTRAS ATIVIDADES QUE ENVOLVERAM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Entrevistados	Trechos	Comentário da pesquisadora
Edson (João)	“então eu acabei estagiando em educação especial no meu próprio local trabalho, escrevi um tcc sobre minha área de trabalho na época, que eu trabalhava exclusivamente com surdez, né?! e consegui ai desenvolver um estudo mais voltado pra aquilo eu já fazia” (p.02,ls46-49)	Estágio em educação especial no seu próprio ambiente de trabalho; <i>TCC</i> feito na área de educação especial;
Ednaldo (Antonio)		Não foi mencionado especificamente
Maria José (Rosa)	“mas o meu TCC eu fiz direcionado pra educação especial”(p.04,ls164-165)	<i>TCC</i> feito com a temática de educação especial;
Miriam (Margarida)	“que ai me transformou que foi ser bolsista do programa <i>PARD</i> é um programa de instalação de recém doutor a professora <i>Violeta</i> retornou do doutorado e ai ela começou a realizar pesquisas no intuito de fazer um estudo preliminar, as primeiras avaliações sobre o processo de inclusão” (p.02,ls59-63) “então as questões das atividades direcionadas para os estágios e as aulas elas foram direcionadas a partir das ações do núcleo, que começou a partir dos conceitos de base, compreender mesmo o que que é educação especial, porque não é uma memorização de uma resposta de imediato pra	Mencionado a experiência de bolsista do <i>PARD</i> ; Mencionado as atividades do núcleo de estudos; Oficinas; Visita ao <i>CAPE</i> ; <i>TCC</i> realizado na temática da educação especial; Projeto de extensão



	<p>atender as pessoas com deficiência, mas o que que é isso?”(p.03,ls114-119)</p> <p>“Então as aulas elas começam com essa provocação conceitual e reflexiva, ela teve momentos de instrumentalização com oficinas e até os próprios estágios em atividades em loco por exemplo no CAPE, foi um do local que nós tivemos acesso de tá discutindo com os professores”(p.03,ls123-126)</p> <p>“experiências nos cursos de formação da <i>SEMED</i>, também que nós tivemos acesso durante essa nossa vivencia experiência acadêmica e os estágios em outras instituições como na <i>APAE</i>”(p.03,ls127-129)</p> <p>“então a expectativa do meu <i>TCC</i> era dialogar o que eu tinha interesse com a educação especial”(p.04,ls161-163)</p> <p>“Nós tivemos o projeto de extensão, que foi uma ação do núcleo, que era estudar os conteúdos do pré-vestibular com os alunos deficientes visual e auditivo e os outros que tivessem interesse na verdade”(p.05,184-186)</p>	
--	---	--

12

13

14

15

**QUADRO 4: OUTRAS DISCIPLINAS QUE CONTRIBUÍRAM PARA O INTERESSE POR EDUCAÇÃO ESPECIAL**

16

Entrevistados	Trechos	Comentário da pesquisadora
Edson (João)	“na época a gente tinha a disciplina chamada Psicogenese da linguagem oral e escrita, então, que fazia o estudo dos estágios de aprendizagem da leitura e escrita, isso me deu um impulsionamento muito grande na minha atuação profissional com alunos que tinham dificuldade de aprendizagem de leitura, os alunos que apresentavam alguma deficiência mental e os alunos surdos pelo desencontro das línguas, a gente teve as disciplinas...teve disciplina inclusive que foi excluído do currículo durante o meu curso com o semestre inteiro que era Introdução a Psicologia, mas introdução a psicologia mais psicologia profissional, psicologia do desenvolvimento , foram disciplinas que me fizeram ter uma noção muito grande do que que eu tava fazendo, tentando fazer na sala de recurso, porque atrelado a isso nessa época, teve uma política muito intensa da formação do professor da educação especial”(p.2-3,ls73-84)	Destaque para as disciplinas de Introdução á Psicologia e Psicogenese oral e escrita;
Ednaldo (Antonio)	“E falando de outras disciplinas, na disciplina de psicologia que nós fizemos, psicologia 1,2 e 3, assim muito raramente mas acontecia de abordar alguma coisa relacionada as deficiências que implicava por exemplo no processo de aprendizagem né?!”(p.03,ls87-90)	Mencionado a disciplina Psicologia 01,02 e 03;
Maria José (Rosa)	“algumas disciplinas por exemplo como psicologia, psicologia da aprendizagem ela nos dá a possibilidade muito grande quando você aprende de entender o outro né?! em que momento de	Mencionado as disciplinas de psicologia, psicologia da aprendizagem, políticas e corporeidade, pois em algum

	<p>aprendizagem aquele sujeito se encontra principalmente na educação especial , porque eles tem um processo mais lento, eles têm o tempo deles de aprendizagem, então eu lembro assim a psicologia ela me deu embasamento muito bom pra trabalhar com educação especial, não lembro de outras... de outras... a corporeidade... corporeidade e educação , nós tivemos também uma disciplina , uma professora que veio de Belém não me recordo mais o nome dela e que foi uma disciplina que também trabalhou muito a questão do corpo em relação a pessoa com deficiência”(p.06,ls223-233)</p> <p>“97 nós tínhamos uma LDB rescém, bem de 96 bem novinha digamos assim, mas que no momento em que nós discutimos dentro da disciplina de políticas publicas pouco falou-se na LDB né?! e quase nada foi dito em relação a educação especial convergindo para questão das políticas publicas, então era uma ausência mesmo, era uma ausência, e não era por conta, não vamos pré julgar o professor não “a o professor não falou,não!” a estrutura da universidade, a estrutura do curso não convidava ainda pra essa discussão”(p.04,ls134-141)</p>	<p>momento ainda que pouco foi tratado sobre educação especial;</p>
Miriam (Margarida)	“	Não mencionou especificamente

17

18

19

### 1 ANEXO 3: ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA

2 1) Dados: nome? Idade? Tempo de atuação profissional? Tempo de atuação em  
3 educação especial?

4 Meu nome é João, eu tenho 34 anos, e eu tenho como tempo de atuação profissional  
5 na educação 15 anos, também como tempo em educação especial 15 anos,  
6 (intervenção...)Sim.

7

8 2) Conte sobre sua atuação profissional atual? Onde atua? Que atividades  
9 desenvolve? Como se sente com relação a essa atuação? Conte situações que  
10 exemplificam esse sentimento.

11 Atualmente eu trabalho como professor da sala de recurso multifuncional, na  
12 educação de jovens e adultos na escola Martinho Motta da Silveira no período da  
13 noite, trabalho especificamente com um grupo de alunos com necessidades  
14 especiais adultos, e faço um trabalho de apoio aos professores, e de atendimento  
15 especializado pros alunos. Tenho um publico hoje de dois alunos cegos, sete alunos  
16 surdos, duas alunas com deficiência mental e duas alunas com paralisia cerebral.

17 Atualmente , é (...) eu tenho tido muita felicidade, em nessa atuação e tenho um  
18 sentimento de muita, é(...) dizer assim (...) muita satisfação na atuação, por que  
19 com esse grupo de adultos que eu tô atuando agora a dois anos, é perceptível o  
20 avanço deles tanto nas questões educacionais, como nas questões, é (...) de vida  
21 diária socioafetivas, né?!Dentro essas a gente tem os alunos cegos que , não  
22 queriam estudar e, de um tempo pra cá a gente percebe um avanço de conhecimento  
23 dentro da escola que eles estão adquirindo, com o apoio também do CAP, os  
24 alunos surdos que estavam afastados da escola ,um já havia mais de dez anos e  
25 voltou a estudar agora, e de conquista maior eu te cito um aluno que teve uma  
26 paralisia parcial do lado esquerdo do corpo por conta de um derrame, e conseguiu  
27 aprender a ler escrever novamente com o outro lado (intervenção).Isso.

28

29 3) Fale de sua vida acadêmica: em que ano entrou na universidade? Quais eram  
30 suas perspectivas?

31 Entrei aqui na Universidade Federal do Pará para cursar pedagogia no ano de 2001,  
32 né?! Então a essa altura eu já era professor da rede publica municipal, eu já era  
33 concursado, já trabalhava com educação especial, mas tinha grande expectativa de  
34 encontrar no curso uma formação que me desse conta de responder tudo aquilo eu  
35 não tava conseguindo na atuação profissional , né?!Então, a escolha do curso de  
36 pedagogia entrada na universidade pra cursar, foi pra um crescimento profissional  
37 mesmo, as expectativas eram essas.

38

39 4) Durante o seu período acadêmico, como foi a sua experiência com educação  
40 especial? (Aulas, estágios e Tcc). Conte situações que se lembra dessas  
41 experiências.

42 Bom, é... durante o meu período acadêmico a minha experiência com educação  
43 especial, foi muito mais de estudo sobre a minha própria prática, né, então quando  
44 eu cheguei a ter a disciplina de educação especial já foi por volta de dois anos a  
45 dois anos e meio do curso, e aí já era o ano de 2003, e eu tinha iniciado na educação  
46 especial em 99 no meu trabalho profissional, né?!, então eu acabei estagiando em  
47 educação especial no meu próprio local de trabalho, escrevi um TCC sobre minha área  
48 de trabalho na época, que eu trabalhava exclusivamente com surdez, né?! e  
49 consegui aí desenvolver um estudo mais voltado pra aquilo que eu já fazia, então foi  
50 muito gratificante, mas ao mesmo tempo foi frustrante, porque eu tinha a  
51 expectativa de ter muito mais conhecimento a partir da universidade na minha área  
52 de atuação e a oferta de uma disciplina de 60 horas em educação especial é muito  
53 curta e ainda lá em 2002-2003 a disciplina de libras não era obrigatória no curso de  
54 licenciatura como é hoje, então nem isso nós tivemos, só tivemos aquela única  
55 disciplina, e depois meu trabalho de conclusão de curso, foi voltado pra isso.

56 5) Conte sobre sua formação: o que se lembra de ter aprendido sobre educação  
57 especial em disciplinas? E nas atividades de estágio e pesquisa? Que coisas  
58 aprendeu em outras disciplinas e atividades que se tornaram importantes para sua  
59 atuação profissional em educação especial?

60 Bom, especificamente na disciplina de educação especial, durante o curso, é... eu  
61 não posso ser hipócrita de dizer que eu aprendi muita coisa né?! Por causa do  
62 tempo de duração da disciplina, da necessidade de estudo que se tem nessa área de  
63 educação especial, e, é desencontro entre o que você precisa aprender e o tempo da  
64 disciplina, tive a felicidade de ter uma ótima professora na época, [...] então ela  
65 direcionou a disciplina por um campo muito mais prático exploratório pra gente  
66 conhecer mais educação especial, conhecer os espaços, e trazer isso como uma  
67 forma de feira de educação especial na época aqui dentro da universidade, pra  
68 mim, foi um aprendizado, de naquele momento perceber como eu poderia  
69 desenvolver uma pesquisa, começar a enxergar a educação especial como um  
70 âmbito de pesquisa que até então, eu só tinha o ponto de vista do profissional que  
71 atuava, muito prático, mas aí nas outras disciplinas que vieram, no curso eu  
72 aprendi muita coisa, principalmente na... eu não sei se hoje ainda faz parte do  
73 currículo da pedagogia mas na época a gente tinha a disciplina chamada  
74 Psicogênese da linguagem oral e escrita, então, que fazia o estudo dos estágios de  
75 aprendizagem da leitura e escrita, isso me deu um impulsionamento muito grande  
76 na minha atuação profissional com alunos que tinham dificuldade de aprendizagem  
77 de leitura, os alunos que apresentavam alguma deficiência mental e os alunos  
78 surdos pelo desencontro das línguas, a gente teve as disciplinas... teve disciplina  
79 inclusive que foi excluído do currículo durante o meu curso com o semestre inteiro  
80 que era Introdução à Psicologia, mas introdução à psicologia mais psicologia  
81 profissional, psicologia do desenvolvimento, foram disciplinas que me fizeram ter  
82 uma noção muito grande do que eu estava fazendo, tentando fazer na sala de  
83 recurso, porque atrelado a isso nessa época, teve uma política muito intensa da

84 formação do professor da educação especial, o governo federal, estadual e ate  
85 mesmo municipal investiu muito nessa época “né?!” mas ai a universidade  
86 contribuiu muito comigo, partindo depois pro campo de estagio, de pesquisa na  
87 minha pesquisa na época de conclusão de curso, trabalho de conclusão de curso, eu  
88 comecei a ter a compreensão de que a educação ela transpunha só aquele momento  
89 de sala de aula é tanto que eu por fim da historia eu mudei meu foco de pesquisa de  
90 trabalho de conclusão de curso da aprendizagem e leitura do surdo pra política de  
91 inclusão de surdo, por que eu comecei a compreender que tinha uma política  
92 educacional, que desse conta de fornecer subsídio pra que a educação acontecesse  
93 La dentro da sala de aula, então ai sim eu vi um ponto de apoio muito grande na  
94 universidade como fonte de estudo pra isso com todas as suas mazelas, falta de  
95 orientador na época, um campus que era abandonado pela sede que era Belém  
96 “né?!”todas as mazelas que a gente não precisa ta buscando aqui pois todo mundo  
97 já conhece essa historia.

98 6) Fale livremente sobre outras questões que julga importantes sobre sua formação  
99 e sua atuação em educação especial.

100 As outras questões que eu julgo importante, primeiro sobre a formação, questões  
101 que eu jugo importante sobre a formação, “é” o aluno consegui ter esse  
102 amadurecimento ou ter pelo menos direcionamento maduro de um professor que  
103 indique pra ele que os estudos dentro da disciplina na universidade é apenas o  
104 norteador daquilo que ele precisa pesquisar pra vida profissional, a parte da minha  
105 frustração enquanto acadêmico, foi pensar que as respostas estavam todas aqui  
106 dentro né?! E ai depois de um certo tempo de estudo, você faz a pos graduação  
107 começa estudar mais um pouco você percebe que na verdade o tempo da graduação  
108 é pra você encontrar a forma certa de fazer as perguntas corretas, não as respostas  
109 pra tudo,acho que seria interessante se todos os professores tivessem, esse cuidado,  
110 esse tato com o aluno, teve alguns que tiveram e fizeram abrir os olhos pra isso.  
111 Quanto a questão da atuação hoje em educação especial é apesar de ter ainda um  
112 certo investimento do governo federal em formação , eu percebo que tanto as  
113 políticas publicas em educação especial ai do governo quanto a própria atuação da  
114 universidade se distanciam um pouco da formação básica do professor de sala de  
115 aula e do professor que trabalha exclusivamente com aluno especial , que hoje é  
116 chamado de professor de sala de recurso,na época que eu entrei era chamado de  
117 professor de sala especial, então a formação básica seria as questões básicas que  
118 essa pessoa precisa saber para lidar com esses alunos com necessidades especiais  
119 em sala de aula, hoje as discussões estão muito mais pro campo das políticas de  
120 inclusão, é muito mais voltada para o campo de pesquisa, voltada pra uma área  
121 especifica,mas o debate sobre praticas pedagógicas tá um pouco vazio eu percebo  
122 isso hoje né?!Tenho deixado inclusive de participar de alguns eventos porque eu  
123 fico um pouco queixoso dessa situação, então tem essa necessidade de se voltar a  
124 esse discurso , a pratica do professor la em sala de aula com esses alunos né?!Por  
125 que ai os professores ficam esperando receitas prontas, mas ninguém nem dá

126 receitas prontas nem discuti de fato essa pratica de uma forma cientifica, tem essa  
127 falha.

1 ENTREVISTA 2

2 1) Dados: nome? Idade? Tempo de atuação profissional? Tempo de atuação em  
3 educação especial?

4 Antonio, idade 34 anos, e tempo de atuação como um todo já temos 15 anos,  
5 exatamente 15 anos de atuação, na educação especial 9 anos, de atuação.

6

7 2) Conte sobre sua atuação profissional atual? Onde atua? Que atividades  
8 desenvolve? Como se sente com relação a essa atuação? Conte situações que  
9 exemplificam esse sentimento.

10 Bom, a minha situação atual de é (...) como profissional é (...) trabalho em duas  
11 redes de ensino na rede municipal, aqui no centro de apoio pedagógico como  
12 professor, trabalhando varias (...) é (...) várias metodologias, professor de  
13 Braille, de informática adaptada, de soroban, produção de material com os  
14 alunos, atuando também na formação, capacitação para os professores (...)  
15 formação de professores da rede municipal do ensino comum, e também  
16 trabalho na rede estadual (...) na rede estadual também sou de sala de recurso, e  
17 atualmente to como professor lá de sala de recurso, lá não é apenas com alunos  
18 com deficiência visual, na verdade lá hoje não tem aluno com deficiência  
19 visual, por que no município é específico, alunos com deficiência visual, mas lá  
20 não, lá hoje ta trabalhando com outras deficiências, no cargo que assumi  
21 recentemente em dois mil (...) ano passado 2014, mas lá eu não to na formação,  
22 na rede, só atendendo os alunos na sala de recursos (intervenção)...aqui no CAP  
23 eu me identifico muito mais porque , os alunos, eu lido e interajo com alunos  
24 que tem a mesma deficiência da minha, que a minha ou seja baixa visão ou  
25 alunos cegos, então aqui é um trabalho bem mais específico, é uma clientela, é  
26 uma comunidade escolar, bem mais especifica e (...) o sentimento maior que eu  
27 tenho é que eu aprendo muito com eles, aqui na verdade assim, tem hora que se  
28 confundi a relação professor aluno por que eles acabam aprendendo muitas  
29 coisas, e devido eles terem a mesma deficiência , eles também acabam  
30 socializando as experiências de mundo que eles tem que é diferente da minha ,  
31 até uma criança que já nasceu cega, ela tem umas experiências diferente da  
32 minha então esse sentimento...é...vamos dizer ...como se fosse uma espécie de  
33 confusão entre atuação profissional e pessoal aqui existe muito mais do que lá,  
34 lá to muito mais no campo da atuação profissional, só que é um ambiente  
35 também saudável, um ambiente saudável e como é recente mas o que eu  
36 percebo la de diferente é que, os meus colegas professores , vê na minha pessoa  
37 a possibilidade de aprender coisas novas sobre a educação especial e sempre  
38 que eles me procuram a gente dialoga e consegue equacionar as dificuldades  
39 que eles tem em sala de aula com os alunos.

40

41

42 3) Fale de sua vida acadêmica: em que ano entrou na universidade? Quais eram  
43 suas perspectivas?



44 Olha...a minha vida acadêmica, eu entrei em 99 e sai em 2004, contando com  
45 defesa de TCC e tudo...é 2004...e assim ...quando eu entrei, na época cenário  
46 aqui na nossa cidade de ingresso a universidade era uma coisa muito restrita,  
47 existia só uns 6 cursos na época e eu escolhi a licenciatura porque, não vou  
48 dizer que era aquele sonho de infância mas em algumas vezes em sala de aula,  
49 achava bacana os professores que dominavam assim realmente o que tava  
50 dialogando socializando com os alunos e ai eu ingressei, mas com relação é...eu  
51 te confesso que no inicio eu não tinha muitas expectativas com a educação, até  
52 porque eu não atuava na educação antes de ingressar, e no meu ensino médio  
53 não foi na área do antigo magistério também, mas com as leituras e com as  
54 discussões e com a militância da vida acadêmica eu me despertei e... decidi que  
55 queria atuar na educação e to até hoje né?!e tô atuando, não entrei com muita  
56 expectativa mas foi uma ascensão, com o tempo fui me familiarizando com a  
57 área e hoje gosto de atuar como professor.

58

- 59 4) Durante o seu período acadêmico, como foi a sua experiência com educação  
60 especial? (Aulas, estágios e Tcc). Conte situações que se lembra dessas  
61 experiências.

62 Olha sobre...aula...sobre estagio,vamos por eliminação sobre estágio e TCC não  
63 teve é... muito ...alias não teve vinculo nenhum, relacionamento nenhum , mas  
64 sobre aula sim, sobre aula a educação especial assim ... a primeira vez que a  
65 gente viu é ... teve essa experiência né?! De discutir ... não no campo prático  
66 mas no campo da discussão, não vivenciamos o campo pratico, mas no campo  
67 da discussão nós tivemos a disciplina inclusive foi muito boa, bem ministrada  
68 pela professora [...] , educação especial o nome da disciplina, e ela  
69 proporcionou um.. assim um ...ambiente bom de discussão. Nós fizemos um  
70 amostra nos corredores da universidade e ... lá que agente teve contato os tipos  
71 de deficiência que me aprofundei depois para atuar a área, então ... foi lá que  
72 primeira vez eu vi colegas, eu também, estudando sobre a minha patologia,  
73 deficiência visual, que dentre as modalidades lá que tinha, mental, física, tinha a  
74 visual, e foi ai que as pessoas começaram a se despertar, levantava certa  
75 curiosidade ... “Tu enxerga assim mesmo, ou tu não enxerga e tal...? A gente  
76 pensava que tu enxergava mais...” Então a primeira relação que teve ... né?!...  
77 com a educação especial foi a partir dessa disciplina, fundamentos da educação  
78 especial.

79

- 80 5) Conte sobre sua formação: o que se lembra de ter aprendido sobre educação  
81 especial em disciplinas? E nas atividades de estágio e pesquisa? Que coisas  
82 aprendeu em outras disciplinas e atividades que se tornaram importantes para  
83 sua atuação profissional em educação especial?

84 É... como eu falei o primeiro contato foi na disciplina já citada, mas não foi  
85 aquela coisa que assim que me fez decidir se ia realmente atuar nessa área,  
86 ainda não teve essa relação. E falando de outras disciplinas, na disciplina de  
87 psicologia que nós fizemos, psicologia 1,2 e 3, assim muito raramente mas

88 acontecia de abordar alguma coisa relacionada as deficiências que implicava  
89 por exemplo no processo de aprendizagem né?! Então se a gente discutia lá  
90 vários fatores que implicavam na aprendizagem né?! fatores externos como a  
91 questão da família, estrutura familiar , sociedade, aí tinha os internos fatores  
92 intrínsecos né?! da pessoa e aí uma delas era as deficiências que poderiam  
93 implicar no processo de aprendizagem, mas isso num campo muito genérico  
94 né?! Uma concepção que tinha na época, foi essa as primeiras (...) os primeiros  
95 contatos assim com o tema mas ainda nada relacionado com fator determinante  
96 para mim (...) para eu atuar depois na educação especial.

97

98 6) Fale livremente sobre outras questões que julga importantes sobre sua formação  
99 e sua atuação em educação especial.

100 É(...) eu queria ter dito assim um (...) contato maior ter vivenciado na prática é  
101 (...) esse ramo da educação essa modalidade, vista como modalidade que como  
102 eu falei a gente ministrou , teve uma disciplina, cursamos uma disciplina, mas a  
103 coisa não avançou depois tanto é que como eu também disse o TCC não teve  
104 nada haver coma temática, poderia ter dito mas não estimulou o debate não  
105 fluiu depois da disciplina e ficou uma coisa guardada que depois eu fui  
106 relembrar né?! Mas no processo de atuação, mas até o meu ingresso pra chegar  
107 na formação , cê tá perguntando, até o meu ingresso na educação especial é (...)  
108 não foi em decorrência do que o que eu pretendia pra educação, mas eu não  
109 tinha informação dessa modalidade, porque essa modalidade de ensino em  
110 passos tímidos ela começou a ser desenvolvida aqui no nosso município em  
111 2003, eu tinha saído da faculdade é (...) eu só prestei concurso pra rede  
112 municipal em 2005 só ingressei é (...) só fui empossado em 2006, e até então  
113 não tinha conhecimento nenhum de educação especial, a atuação que eu queria  
114 ter era na educação geral tanto é que eu fiz concurso pra coordenação  
115 pedagógica, como pedagogo né?! Mas que podia atuar também na coordenação  
116 pedagógica, mas a vinda pra cá o que foi determinante na minha formação , foi  
117 a minha vinda pro centro de atendimento pedagógico, que eu fui convidado pra  
118 atuar aqui pelo fato de ser um pessoa com deficiência visual e conhecer alguns  
119 recursos ligados a informática, recurso de acessibilidade, no primeiro momento  
120 em 2005 foi me feito o convite mas eu não tinha como vir porque eu não era  
121 professor eu era técnico administrativo do município, em 2006 com o concurso  
122 foi possível a minha lotação aqui e eu fazia um atendimento meio que restrito  
123 porque eu atendia só aluno com baixa visão que era o que eu dominava no meu  
124 campo pessoal, era uma capacitação é (...) assim (...) mas de forma muito leiga  
125 que eu busquei pra satisfazer as necessidades da minha aprendizagem mas a  
126 partir daqui eu tive a oportunidade de é (...) participar de formação de  
127 professores uma semana em Belém no instituto Álvares de Azevedo que é um  
128 instituto especializado em educação de pessoas com deficiência visual que foi  
129 importante mas eu já voltei de lá sabendo que não era o suficiente, mas depois  
130 eu consegui ingressar numa formação bem mais ampla mais consistente que foi  
131 no IBC no Rio de Janeiro , então fui pra lá uma carga horário bem mais extensa

132 na verdade bem cansativa que era 600 horas de curso tive que morar lá um  
133 período em alojamento né?! Aí sim depois que eu voltei de lá eu voltei com  
134 condição maior de colaborar com os meus alunos e aí já voltei atuando em  
135 varias áreas da deficiência visual , ensino de Braille, soroban , essas coisas (...)  
136 foi determinante minha ida porque eu tinha direito a formação porque já era  
137 servidor da rede, mas não foi uma coisa que busquei formação antes pra depois  
138 ingressar agora no estado foi diferente, porque no estado quando foi ofertado o  
139 concurso, foi ofertado como pra professores especialistas em educação especial  
140 e aí eu consegui é (...) ingressar via concurso, o concurso era é (...) para  
141 professores especialista na área, aí o ingresso já foi bem diferente (intervenção)  
142 bem direcionado.

1 ENTREVISTA 3

2 1) Dados: nome? Idade? Tempo de atuação profissional? Tempo de atuação em  
3 educação especial?

4 Bom dia, meu nome é Rosa, eu tenho 57 anos, vou fazer 58 dia 9 de junho. Meu  
5 tempo de atuação profissional na educação, é mais ou menos uns ... de 97 ,  
6 porque antes eu não atuava com vínculo empregatício né?! eu atuava como  
7 voluntaria, trabalhei muito como voluntaria com processo de alfabetização, mas  
8 com vinculo empregatício foi de 97, foi paralelo a minha chegada aqui em  
9 Marabá minha atuação no curso. E educação especial minha atuação direta como  
10 docente eu posso dizer que eu não tenho, um vinculo direto com a educação  
11 especial, no entanto eu tenho um envolvimento muito grande por querer, por  
12 querer fazer, por querer mudar, por buscar conhecimento. Tem mais menos  
13 também uns ... de 2000 mais ou menos que eu comecei ter uma atuação mais  
14 direta né?! Participar mais diretamente com educação especial.

15  
16 2) Conte sobre sua atuação profissional atual? Onde atua? Que atividades  
17 desenvolve? Como se sente com relação a essa atuação? Conte situações que  
18 exemplificam esse sentimento.

19 A minha atuação profissional atual hoje, eu sou aqui da *UEPA* , da Universidade  
20 do Estado do Pará, aqui eu exerço uma função de um cargo técnico né ?! de  
21 acessória pedagógica, mas na *UEPA* tem esse nome, mas na verdade a gente  
22 desenvolve todas as atividades de coordenação pedagógica, ou seja, faz um inter  
23 relação entre a coordenação geral, os coordenadores de curso, faz uma mediação  
24 entre as relações de ensino aprendizagem do trabalho docente com  
25 aprendizagem dos alunos, ou seja, eu participo de todo esse envolvimento que  
26 envolve a sala de aula, a aprendizagem e os alunos, com atividades internas e  
27 externas. São atividades técnicas que eu gosto muito de fazer porque elas tão  
28 vinculadas a minha área de formação, que eu sou pedagoga licenciada pela  
29 *UFPA*, tenho psicopedagogia clínica institucional pela *Facinter*,tenho também  
30 gestão publica pela *UFPA*,tenho o curso de gestão publica também no nível de  
31 especialização e (...)tou finalizando agora educação em direitos humanos né ?! e  
32 diversidades, que eu acho que foi um dos últimos cursos agora ofertados pela  
33 *UFPA*. Então as minhas atividades elas estão muito vinculadas a minha área de  
34 formação, eu gosto MUITO do que eu faço, eu faço por amor, eu faço porque eu  
35 gosto. O que me entristece nessa trajetória de atuação,principalmente na  
36 universidade, a universidade ela não vê, ela não valoriza, digamos assim, o  
37 trabalho do técnico no sentido de uma atuação mais pedagógica, se nós não  
38 prestarmos atenção a gente termina se submetendo a parte burocrática,  
39 exclusivamente burocrática, e ai eu fujo disso entendeu? Por que senão vai ser  
40 uma coisa muito técnica né ?! uma atividade praticamente programada que você  
41 vai em busca de pequenas soluções as vezes pra pequenos ou grandes  
42 problemas, mas eu burlo , eu fujo, e eu vou me inserindo dentro dos projetos,  
43 com orientação de tcc, participando e criando movimentos dentro da

44 universidade, semanas acadêmicas enfim, fazendo atividades que me propicie  
45 crescer mais profissionalmente não ficar estagnada naquela atividade  
46 burocrática. Essa é uma situação que eu acho que ela não é legal dentro da  
47 universidade né?! nós temos uma função técnica, mas ela poderia ser vistas  
48 com outros olhos pela gestão pública, porque nós temos uma carga de formação e  
49 de prática e de vivência, e que as vezes / não tenho aqui dentro da UEPA a  
50 situação de dizer; professor não respeita, não acata, não, pelo contrário sempre  
51 fui muito bem respeitada e acolhida né?! meu trabalho é respeitado, mas existe  
52 essa situação.

53 Tem uma outra atividade que eu desenvolvo também fora daqui da universidade  
54 que é nas salas de leitura eu participei desde 2007, eu era da equipe de formação  
55 da SEMED, que eu também sou servidora municipal e esse era um trabalho  
56 muito bom muito gratificante, porque nos dá a possibilidade de aprender mais,  
57 de estudar de ir buscar né?! de sair dessa rotina do fazer técnico. Hoje eu não to  
58 mais na equipe de formação mas eu to dentro de uma sala de leitura de EJA que  
59 é um ambiente rico, muito bom, nos possibilita é (...) propor atividades, propor  
60 ação, projetos pra trabalhar o desenvolvimento das habilidades leitura e de  
61 escrita com os nossos alunos de EJA né?! que já tem uma característica  
62 completamente diferente né?! dos acadêmicos aqui da universidade. Então  
63 assim, é (...) exemplificar atividades e esse sentimento vinculado ao que eu faço  
64 na educação especial, por exemplo nós tivemos aqui é (...) que eu já to quase  
65 falando aqui da terceira questão, (intervenção), não tem né?! Em 2009 nós  
66 tivemos a entrada de um aluno cego aqui na UEPA e foi um grande desafio né?!  
67 então assim (...) enquanto a maioria dos colegas ficaram extremamente  
68 preocupados com a chegada do aluno, eu fiquei muito feliz porque era uma  
69 oportunidade que a universidade tinha né?! de trabalhar as questões da inclusão,  
70 de envolver outras pessoas dentro desse processo, que de certo modo assim ele  
71 assusta os professores, a equipe como um todo ficava muito preocupada, a eu  
72 nunca tive, eu não sei fazer, eu não vou fazer, e na verdade nós sabemos né?! a  
73 gente não tá aberto pro desafio. Então a chegada desse aluno cego, ela  
74 possibilitou não só pra mim aqui na universidade mas como para os professores,  
75 outras pessoas da equipe ir em busca desse saber fazer, desse aprender fazer né  
76?! nós fomos aprender convivendo, então foi um trabalho árduo, muito difícil,  
77 muito difícil, porque não era o campus 8 que não estava preparado né?! não era,  
78 por que na verdade se você for olhar ninguém tá preparado a fala é repetitiva,  
79 ninguém tá preparado, ou ninguém quer estar preparado, tem uma diferença  
80 muito grande, e aí nós tivemos sérios problemas no primeiro ano dele porque ele  
81 estava, ele era nosso aluno, a lei convidou ele estar aqui né?! ele por capacidade  
82 conseguiu, então o primeiro ano foi muito difícil porque quase não tínhamos  
83 como acolher este aluno, acolher no sentido de dar condições pra ele, mas isso  
84 trouxe pra nós um ganho real muito grande, porque nós fomos desenvolvendo  
85 atividades né?! Tive que ir á Belém varias vezes conversar com professores,  
86 com coordenação de curso enfim, pra que a gente pudesse criar condições. Então  
87 assim, a chegada desse rapaz desse aluno aí modificou muito o ambiente

88 educativo, pra todos nós né?! foram grandes desafios foram muitas propostas  
89 inovadoras que nós pensamos, que nós elaboramos, umas a gente acertava de  
90 inicio outras a gente tinha que reelaborar, mas isso nos trouxe um grande  
91 crescimento e ganho real foi a formação dele, ele já concluiu o curso que foi um  
92 outro desafio porque ele passou numa área que é a química, licenciatura em  
93 plena em química, um curso que 80% dele é prático né ?! mas a gente conseguiu  
94 e com isso nós tivemos naquele momento eu comecei a criar a discutir um  
95 núcleo que a princípio a gente chamava de NEI ( núcleo de educação inclusiva)  
96 inclusive com orientação da [professora] conversava com a [professora], ia atrás  
97 da [professora] que foi minha professora que eu admiro muito, professora  
98 Ivanilde Apoluceno que é da UEPA que tem uma grande participação também  
99 no município nessa área, e a gente conseguiu estruturar o núcleo e hoje ele é um  
100 núcleo que já foi institucionalizado, nós já temos o núcleo institucionalizado,  
101 temos muitas atividades desenvolvidas dentro do núcleo, hoje ele já não é mais  
102 NEI é NAES porque com vinda do curso na área da saúde em 2012 eu  
103 reestruturei o projeto junto com Miriam e hoje ele é núcleo de Acessibilidade em  
104 Educação e Saúde, pra convidar pra trazer o povo da área de saúde pra estar  
105 conosco discutindo toda essa parte de educação inclusiva, de acessibilidade e  
106 tudo mais. Da vida acadêmica, do fazer aqui dentro é essa né?!

107

108 3) Fale de sua vida acadêmica: em que ano entrou na universidade? Quais eram  
109 suas perspectivas?

110 Agora minha vida acadêmica quando eu entrei na UFPA, eu entrei no processo  
111 de 97,e interessante que eu era uma das mais velhas dentro da turma né?! eu  
112 tinha colega de 17 anos e eu tinha 40 eu ia fazer 40 anos, então também foi uma  
113 experiência fantástica porque já tinha 20 anos que eu tinha parado de estudar  
114 mais de 20, mas o meu desejo era estudar, eu sempre tive o sonho de estudar,  
115 mas minhas possibilidades financeiras enquanto família não me permitiram  
116 estudar, aí depois eu casei fiquei andando pelo mundo que o meu marido  
117 trabalhava em obra, ia pra um canto ia pro outro, quando nós chegamos aqui  
118 tinha universidade, eu digo agora eu estudo e estudei. Então assim, foi uma  
119 experiência muito boa, muito boa mesmo apesar de todas as dificuldades que  
120 nós vivemos, foram muitas, mas a expectativa era muito boa né ?! de aprender  
121 algo que me tornasse capaz de executar uma atividade, desenvolver uma  
122 atividade com maior segurança,principalmente voltada para a educação que  
123 sempre foi meu sonho, então eu entrei em 97 conseguimos sair de lá só em 2003  
124 por conta de situações de greve, de paralisação entendeu?! Varias situações que  
125 aconteceram, então foi assim o caminho percorrido dentro da universidade nesse  
126 intervalo superando muitas dificuldades, muitas mesmo, naquele momento nós  
127 não tínhamos muitos professores fixos a maioria tinha que vir de Belém foram  
128 situações e situações, mas a gente conseguiu.

129

130 4) Durante o seu período acadêmico, como foi a sua experiência com educação  
131 especial? (Aulas, estágios e Tcc). Conte situações que se lembra dessas  
132 experiências.

133 A sim, bom nesse período acadêmico naquele momento não se discutia muito  
134 educação especial dentro da universidade, não se discutia mesmo entendeu ?! 97  
135 nós tínhamos uma LDB rescém, bem de 96 bem novinha digamos assim, mas  
136 que no momento em que nós discutimos dentro da disciplina de políticas  
137 publicas pouco falou-se na LDB né?! e quase nada foi dito em relação a  
138 educação especial convergindo para questão das políticas publicas, então era  
139 uma ausência mesmo, era uma ausência, e não era por conta, não vamos pré  
140 julgar o professor não “a o professor não falou,não!” a estrutura da universidade,  
141 a estrutura do curso não convidava ainda pra essa discussão , hoje é ela  
142 freqüente ela é presente né?! é um debate, é um dialogo aberto, mas não existia.  
143 Então as aulas , nós tivemos uma disciplina inclusive com a [professora], com a  
144 professora [...] de educação especial, e naquele momento nas 45 horas aulas, 45  
145 horas aulas né ?! e a Violeta dizia assim: “ O que nós vamos fazer em 45 horas  
146 aulas?” Então nós discutimos um pouco do contexto histórico, no momento da  
147 disciplina eu já estava, eu já tinha uma caminhada dentro da educação especial  
148 porque me motivava estar, eu queria saber mais, eu queria aprender por razões  
149 que vem lá da minha infância, e nós tivemos essa disciplina, nessa disciplina foi  
150 que nós tivemos assim uma discussão mais ampla né ?! na sala de participar e  
151 uma das atividades propostas como avaliação foi um seminário e que grupos  
152 falariam de determinadas pautas e eu lembro muito que foi tão interessante  
153 porque como não havia essa discussão eu fui propus pra [professora], porque  
154 que a gente não faz ao invés do seminário interno aqui na sala agente não faz e  
155 espalha em toda a universidade? Os grupos fazem apresentações de banner  
156 daquilo que tiver ao alcance de todos, alguns colegas me condenaram não  
157 gostaram, alguns falaram diretamente pra mim que eu não tinha o que fazer mas  
158 que eles tinham, porque assim era uma situação, acho que porque tanto que eu  
159 gostava e eu achava tão importante que as pessoas soubessem que ai ... e ai a  
160 [professora] aceitou a idéia e nós fomos trabalhar, ai eu lembro que nosso grupo  
161 de atividade ficou sobre a hiperatividade nós fomos estudar isso, estudar e  
162 discuti. Então foi assim foi essa experiência nessa disciplina, no estágio nós não  
163 tivemos eu não tive convivência com... em nenhum momento das salas que nós  
164 participamos, das escolas, em ter aproximação mas o meu TCC eu fiz  
165 direcionado pra educação especial e ai foi uma outra situação porque ai não  
166 consegui encontrar ninguém dos meus colegas, porque a gente podia fazer em  
167 dupla né ?!, e quando eu convidava, “qual é o teu tema?” Vou fazer educação  
168 (...) “não te doida é ? não vou fazer” tanto é que eu fiquei só, desenvolvi meu  
169 trabalho sozinha com muita dificuldade porque eu não tinha orientador pela  
170 universidade,a UFPA não tinha nenhum professor naquele momento que  
171 pudesse ser meu orientador, quem poderia ser era a professora [...], ela já tinha  
172 saído pra mestrado, ela tava ausente nesse momento pra mestrado, e eu tive até  
173 assim uns embatizinhos com o professor que ficou coordenador de TCC da

174 nossa turma, porque ele queria por força que eu assumisse ou adotasse um outro  
175 tema e eu disse que eu não faria aquilo, que eu ia fazer na área que eu queria que  
176 era educação especial, mas me foi permitido encontrar um outro orientador fora  
177 da universidade desde de que ele não cobrasse nada né?! dispensasse, e ai eu  
178 consegui, eu conheci uma psicóloga, doutora Patricia, sentei com ela apresentei  
179 meu tema eu trabalhei com A IMPORTÂNCIA DO LUDICO NO  
180 DESENVOLVIMENTO DA COMUNICAÇÃO DA LINGUAGEM DOS  
181 PORTADORES , naquele momento falava PORTADORES DE  
182 NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS A COMUNIDADES DE  
183 SURDOS, entendeu?! esse foi meu tema de TCC e a professora Patricia que ela  
184 era psicóloga, terminei chamando ela de professora e... ela gostou muito e  
185 aceitou o desafio e juntas nós conseguimos realizar o trabalho, ai você pode me  
186 perguntar porque lúdico na comunicação dos surdos? Eu vou te falar rapidinho  
187 da minha infância, eu sou de Belém, na rua que eu morava perto da minha casa  
188 tinha um casal que a mãe ficou doente e o pai ele era cadeirante e as meninas  
189 dele moravam no preventório Santa Teresinha, era uma escola para as crianças  
190 que os pais tinham dificuldades, uma vez no mês a gente ia visitar né?! minha  
191 era assim tinha um espírito de solidariedade muito grande, então naquele  
192 domingo eu ia pra passar a manha com elas lá brincando , conversando e lá tinha  
193 crianças que me chamavam muita atenção, elas faziam um grupinho de quatro as  
194 vezes as vezes tinham três e eu não entendia aquilo, porque elas falavam através  
195 de gesto de mímica, depois que eu vim saber o que era, e elas eram surdas, e elas  
196 brincavam de bola, e elas brincavam de roda, e aquilo me envolveu tanto que eu  
197 ia brincar com elas, e a gente interagia, a gente jogava bola, a gente brincava de  
198 peteca, brincavam de todas as brincadeiras que crianças brincam, e quando eu  
199 cheguei na universidade / e aquilo ficou marcado na minha mente por resto da  
200 minha vida. Quando eu cheguei na universidade e já com uma convivência com  
201 outras pessoas, eu relembrei esse momento e ai eu quis estudar e ai eu  
202 participava com a professora Iracelma lá no Jhonathas Atias independente de  
203 disciplina de qualquer coisa, eu ia pra escola pra ficar com ela interagindo com  
204 os alunos surdos e ai que me despertou o interesse de escrever sobre isso, e eu  
205 consegui fazer... eu falei até pra [professora] que tem algumas atitudes que a  
206 gente toma né?! e que depois a gente se arrepende, eu me arrependo assim no  
207 sentido de que eu lamento de não ter defendido meu TCC, apresentado pra  
208 comunidade acadêmica, porque naquele momento a gente tinha a oportunidade  
209 de poder escolher quem quer defender e quem não quer, depois foi que mudou a  
210 legislação que todos tem que apresentar pra uma banca de defesa mas até a  
211 minha turma não era necessário, ou não era obrigado, necessário era pela  
212 importância né?! a gente que não tinha a interpretação, e ai eu terminei não  
213 apresentando o meu trabalho, tirei excelente, assim, do que eu escrevi até hoje  
214 eu gosto, então foi assim essa minha trajetória, mas dentro da universidade  
215 mesmo nós não tínhamos esse momento esse dialogo ainda não era presente  
216 naquele momento.  
217



218 5) Conte sobre sua formação: o que se lembra de ter aprendido sobre educação  
219 especial em disciplinas? E nas atividades de estágio e pesquisa? Que coisas  
220 aprendeu em outras disciplinas e atividades que se tornaram importantes para  
221 sua atuação profissional em educação especial?

222 Bom vou começar pela universidade, pela UFPA, pelo curso de pedagogia  
223 apesar de nós não termos naquele momento essas discussões do estudo voltados  
224 mesmo para educação especial mas algumas disciplinas por exemplo como  
225 psicologia, psicologia da aprendizagem ela nos dá a possibilidade muito grande  
226 quando você aprende de entender o outro né?! em que momento de  
227 aprendizagem aquele sujeito se encontra principalmente na educação especial,  
228 porque eles tem um processo mais lento, eles têm o tempo deles de  
229 aprendizagem, então eu lembro assim a psicologia ela me deu embasamento  
230 muito bom pra trabalhar com educação especial, não lembro de outras... de  
231 outras... a corporeidade... corporeidade e educação, nós tivemos também uma  
232 disciplina, uma professora que veio de Belém não me recordo mais o nome dela  
233 e que foi uma disciplina que também trabalhou muito a questão do corpo em  
234 relação a pessoa com deficiência, o sujeito com deficiência que naquele  
235 momento a gente chamava que era os portadores de necessidades educativas  
236 especiais, então que eu lembre dentro das universidades foram essas duas  
237 disciplinas, fora a Psicopedagogia ela nos dá também uma possibilidade um  
238 campo muito amplo de disciplinas de estudo, de teórico que nos possibilitam nos  
239 aproximar melhor dessas pessoas, visualizando essas habilidades, o tempo de  
240 aprendizagem, desenvolvimento cognitivo daquele sujeito, então essas foram  
241 algumas disciplinas, quando eu falei pra você as atividades de estágio não me  
242 possibilitaram lá na pedagogia, na psicopedagogia já foi mais amplo porque nós  
243 tivemos de estar mesmo acompanhando né?! meu trabalho foi com uma  
244 criança de 9 anos que ... de 9 pra 10 anos que ele não desenvolvia habilidades de  
245 leitura de jeito nenhum, então ele foi meu sujeito de pesquisa, era aluno numa  
246 escola pública e eu visitei a escola e junto com coordenação e orientação eles me  
247 apontaram essa criança, esse aluno porque ele já fazia 3 ou 4 anos a mesma série  
248 e não avançava, então foi um estudo muito interessante, foi uma pesquisa  
249 interessante porque eu tive que fazer a anamnese com a família, com a mãe, e aí  
250 foram revelados dados muito significativos que contribuíram muito pra que  
251 aquela criança não desenvolvesse suas habilidades né?! o desenvolvimento  
252 cognitivo dela era de uma certa forma mais lento, e tudo era por conta de uma  
253 situação traumática, uma situação traumática o pai da criança era alcoólatra,  
254 então assim tinha todo esse desajuste familiar (intervenção) então essa foi uma  
255 experiência de pesquisa que me possibilitou me aproximar mais, estudar mais,  
256 conhecer um pouco mais dessa situação...que mais é ... pesquisa... estágio né?! e  
257 outras disciplinas também da psicopedagogia que também foram muito  
258 importante pra nós e no decorrer da minha vida acadêmica e profissional, a gente  
259 participa de curso, de seminário, de fórum e tudo isso vai somando né?! pra que  
260 a gente tenha um acúmulo de conhecimentos que vão te abrindo possibilidades  
261 de compreensão, de interpretação, de sugestões entendeu?! então no decorrer da

262 minha vida profissional acadêmica eu tenha aprendido muito. Esse curso que  
263 nós finalizamos agora, que estamos finalizando de Educação em Direitos  
264 Humanos e Diversidade também foi uma curso excelente, um curso que nos  
265 despertou como educador, não vê mais só o sujeito como um sujeito da  
266 aprendizagem mas como sujeito de direito da aprendizagem que é bem diferente  
267 né ?! porque enquanto educação especial, enquanto educação inclusiva, os  
268 nossos olhares, as nossas discussões é para o sujeito da aprendizagem e esse  
269 curso ele nos dá essa possibilidade de ver esse sujeito de direito da  
270 aprendizagem, da convivência, enfim , da vida social dele e também foi um  
271 curso que tem me ajudado muito ta me ajudando muito, inclusive nós estamos  
272 fazendo nosso trabalho final na área de direito em educação inclusiva,ai eu to  
273 fazendo uma avaliação de uma formação do nosso município aqui da  
274 universidade, que formação nossos professores receberam pra atuar dentro da  
275 diversidade dentro desta perspectiva de direitos humanos?

276

- 277 6) Fale livremente sobre outras questões que julga importantes sobre sua formação  
278 e sua atuação em educação especial.

279 São tantas coisas que eu julgo importante, muitas coisas mesmo porque ... da  
280 minha formação que julgo importante, os saberes construídos, os saberes que  
281 precisam ser reelaborados no dia a dia, a dinâmica da vida da sala de aula, a  
282 dinâmica da formação do professor, são varias as situações que se a gente for  
283 relacionar, a gente vai ver que tem um leque de situações que elas se destacam  
284 no nosso dia a dia, no nosso fazer, no nosso fazer pessoal e essa atuação na  
285 educação especial cada dia ela me convida mais, em querer saber mais, você  
286 sabe qual é meu grande sonho? Que pra você ta mais proximo de você alcançar  
287 se for o seu, é fazer um mestrado na área de educação inclusiva e hoje eu já  
288 penso em fazer pra diversidade,mais amplo, porque parece tão simples, por  
289 exemplo no tempo que nós estudamos , no tempo que eu me formei, nós  
290 tínhamos que necessariamente passar por um curso de especialização como se  
291 fosse um trampolim para chegar ao mestrado, hoje não, os nossos alunos aqui a  
292 gente incentiva, eu participo do projeto que dá possibilidades pra eles já  
293 entrarem no curso de mestrado, mas ai tem as particularidades das nossas vidas  
294 né?! eu sou casada, eu sou mãe, eu sou avó, e hoje eu assumo um papel social  
295 assim na minha família muito importante no sentido de que, a minha mãe  
296 faleceu e meu pai mora comigo, então as responsabilidades dele, da vida dele,  
297 são minhas, eu tenho outros irmãos, mas são minhas porque ele escolheu estar  
298 comigo, então eu já não posso pensar só em mim, a alguns anos eu não penso só  
299 em mim, na verdade a nossa vida toda, então a minha formação pra essa atuação  
300 na educação especial, meu grande desejo é esse, é continuar estudando,  
301 continuar buscando, pra que eu tenha mais autonomia no meu fazer pedagógico,  
302 pra que eu possa dar, criar condições para esses sujeitos ter de fato seus direitos  
303 assegurados porque a escola publica apesar da parte legal ,a propria  
304 universidade, a propria universidade que eu estou aqui convivendo, trabalhando,  
305 fazendo, ela ainda não atua com esse olhar, pra educação inclusiva, dando

306 condições pra que esse aluno chegue e possa de fato ter uma educação de  
307 qualidade, porque a gente fala em educação de qualidade, o discurso, os  
308 documentos, chega ficar redundante, uma educação de qualidade, mas se nós  
309 formos buscar qual é a qualidade de educação que a gente tá oferecendo, você  
310 acha bem pouca, principalmente voltado para educação especial, então eu não  
311 faço muito , mas o que eu faço eu tento fazer da melhor fora possível pra que  
312 agente possa dar condições para esses aprendizes. E nós tivemos além da  
313 experiência do aluno cego, nós tivemos um aluno também em matemática, que  
314 ele já colou grau, que ele passou, que é um aluno que ele entrou na universidade  
315 com o diagnostico como baixa visão mas ele tinha digamos assim outras  
316 complicações, ele tinha outras situações que causaram assim também grande  
317 desafios pra nós pra poder a gente compreender primeiro ele como ser  
318 humano, fazer com que ele se compreendesse se aceitasse, que acho que nós não  
319 conseguimos, é nós não conseguimos né?! por outras situações de convivência  
320 familiar dele, mas que ele terminou a graduação dele, então essas questões que eu  
321 julgo importante são essas, poder estudar, que a universidade, que a escola  
322 publica como um todo, que os nossos educadores, nossos colegas educadores  
323 que hoje brigam por uma sala de educação especial, mas que na verdade eles  
324 ainda não tem, ou estão em busca, ou não se permitiram ter, essa autonomia de  
325 fazer, de querer fazer, de dar essa condição, porque se eu crio condição de  
326 aprendizagem pra mim é quase que automaticamente eu to de dando essa  
327 condição de crescimento, eu to te propondo esse crescimento, e hoje o trabalho  
328 na universidade ainda é um grande desafio trabalhar com educação especial, não  
329 temos hoje nenhum aluno em situação de deficiência não temos, mas cada  
330 vestibular tem eu fico olhando procurando, entendeu?! Fico vibrando pra ver se  
331 chega mais alguém, porque é uma oportunidade que a gente tem né?! o sujeito  
332 estando presente a gente tem que fazer, hoje o nosso núcleo esta  
333 institucionalizado mas ele esta parado por conta da reforma e ampliação, o  
334 espaço que foi construído pra nós esta cedido para uma sala de aula, então  
335 enquanto o prédio não tiver pronto a gente não te esse espaço para a gente  
336 continuar fazendo nossas atividades, mas agora eu vou desejar pra você que  
337 você continue nesse caminho, é belo, é lindo , é emocionante, faz a gente,  
338 desperta na gente um interesse de querer saber mais pra poder ajudar o outro,  
339 então eu sou feliz no que eu faço, eu gosto do que eu faço.

1 ENTREVISTA 4

2 1) Dados: nome? Idade? Tempo de atuação profissional? Tempo de atuação em  
3 educação especial?

4 Margarida. Tenho 32 anos.E... de atuação profissional desde a conclusão do  
5 curso de 2009 e na área de educação especial eu iniciei ainda durante o curso de  
6 graduação a partir do ano de 2007 umas atividades de pesquisa, de bolsista.

7  
8 2) Conte sobre sua atuação profissional atual? Onde atua? Que atividades  
9 desenvolve? Como se sente com relação a essa atuação? Conte situações que  
10 exemplificam esse sentimento.

11 Atualmente eu ... vou direcionar dois momentos que eu acho bem significativo  
12 em relação ao que faço, trabalho no centro de apoio pedagógico pra deficiente  
13 visual e também o conselho, sou conselheira do conselho municipal dos diretos  
14 das pessoas com deficiência, também pesquisadora na área de educação  
15 especial, mas vou focar essa questão da educação base né?! ... em relação como  
16 pratica docente destinadas a pessoas cegas e com baixa visão, então meu  
17 atendimento é nas questões de complementação e suplementação tanto nas  
18 questões pedagógicas e também direcionadas para o --. quanto o sujeito cego ou  
19 com baixa visão que ele tenha essa compreensão meio que instrumentalizada da  
20 relação com o meio, ele ter domínio das tecnologias que vão dar habilidades  
21 para que ele possa ter uma vida mais autônoma. Em relação a questão da  
22 educação e nesse processo mesma de escolarização que ele possa ter acesso ao  
23 conteúdo, que ele possa compreender e também ter a possibilidades diante de  
24 tantas ... dificuldades, barreiras que existe de acesso a materiais acessíveis  
25 propor que ele possa... ter acesso de maneira que compreenda o que esta lendo e  
26 de maneira autônoma né?! As produções de materiais didáticos pedagógicos,  
27 então essas atividades elas vão no intuito de gradativamente nos assegurarmos a  
28 garantia desse sujeito, porque ele já tem essa garantia legal, mas só que nem  
29 sempre ela se materializada na pratica, então o CAP ele tem um papel muito  
30 importante de política mesmo publica de garantia que esse sujeito possa ter uma  
31 escolarização, então se esse centro ele não der conta disso ai a fragilidade fica  
32 maior, porque na educação básica as barreiras já são muito mais evidenciadas,  
33 então o CAP ele tem esse papel de dialogar enquanto profissional que atua, de  
34 esse suporte ao aluno e também esse acompanhamento próximo aos professores  
35 de ensino comum para o processo de escolarização da pessoa cega. O meu  
36 sentimento ele ... é humano primeiramente, eu me sinto bem , me sinto feliz no  
37 que eu faço, me sinto realizada como pessoa e como profissional, é ... não é  
38 uma profissão que eu visio o financeiro, toda profissão visa o financeiro também  
39 mas não é o elemento central, é a contribuição mesmo para propor um espaço  
40 que as pessoas possam ter condições de existirem, né ?! garantia dessa  
41 existência porque o apagamento ainda é muito grande, mas a partir das ações  
42 que eu realizo então esse meu sentimento, eu acho que eu posso contribuir e  
43 dizer: esses sujeitos existem, eles são semelhantes a mim e a você com todas as

44 limitações que nós temos, e não somos nós que devemos tenta-los apagar dos  
45 nossos espaços sociais, porque as nossas ações tem essa poder, de evidenciá-las  
46 e também de esquecê-los (intervenção). Conta situações (...) é (...) tudo  
47 começou pra eu me sentir realizada na minha atuação profissional com meus  
48 sentimentos, quando eu vivenciei no meu período da graduação acho eu já vou  
49 acabar indo para terceira pergunta...

50 Na universidade ate então em 2007, eu era um sujeito como qualquer uma  
51 pessoa no sentido (...) quando eu falo qualquer outra pessoa no sentido de não  
52 ter um conhecimento mais direcionada na área da educação especial, então não  
53 tenho ninguém na minha família com historia , ou próxima a mim, que seja (...)  
54 que tem algum comprometimento orgânico, não tinha nenhum amigo, não tive  
55 ninguém também durante a minha escolarização, nenhum colega de classe nem  
56 no ensino fundamental nem no ensino médio pelo menos que eu percebesse  
57 né?! Talvez ate existisse e eu não tive a sensibilidade de reconhecer e ai na  
58 graduação eu tive a experiência mais feliz da minha vida né ?! que ai me  
59 transformou que foi ser bolsista do programa *PARD* é um programa de  
60 instalação de recém doutor a professora [...] retornou do doutorado e ai ela  
61 começou a realizar pesquisas no intuito de fazer um estudo preliminar, as  
62 primeiras avaliações sobre o processo de inclusão e enfim e ai eu fui uma  
63 pessoa bem crua mesmo exatamente, eu tava lá e na tinha noção do que que era  
64 educação especial, o que que era deficiência, o conceito de deficiência, de  
65 inclusão, não tinha, então foi um trabalho de conceituação mesmo de base pra  
66 mim enquanto sujeito, eu não falo de conhecimento científico, eu falo de mim  
67 mesmo, porque o processo começou de transformação interna minha, e ai eu fui  
68 compreender durante todo esse período de 2009, que ai eu digo que essas  
69 situações que me levaram para atuar, que ai eu me envolvi e esse meu  
70 envolvimento ele perpassa o espaço da universidade isso é meu, em qualquer  
71 lugar que eu estarei eu vou ter uma sensibilidade para olhar, não só a pessoa  
72 com deficiência, pra olhar o negro, pra olhar o indígena, o camponês, o  
73 ribeirinho, então pensar nessas questões de pessoas que estão marginalizadas a  
74 partir do estudo e da experiência que eu tive na universidade foi fantástica pra  
75 eu me constituir enquanto pessoa, profissional, enquanto filha, enquanto amiga  
76 né ?! e as situações é pra que a gente possa avançar né?!, discutir mais, não so  
77 no espaço da universidade mas discutir nos espaços sociais, discutir come eles  
78 mesmo.

79 (...)

80

81 3) Fale de sua vida acadêmica: em que ano entrou na universidade? Quais eram

82 suas perspectivas?

83 Meio que vou dar uma situada, não sei nem se vai ficar no link mas pelo menos  
84 pra começar a discorrer sobre as próximas questões. A minha vida acadêmica  
85 na universidade começou no ano de 2004, as minhas perspectivas sempre tive a  
86 pretensão de inicializar e terminar o curso, finalizei em 2009, então a  
87 perspectiva era o ingresso e finalizar o curso, tinha isso tudo muito claro.

- 89 4) Durante o seu período acadêmico, como foi a sua experiência com educação  
90 especial? (Aulas, estágios e Tcc). Conte situações que se lembra dessas  
91 experiências.

92 E durante essa fase tive várias nuances que desencadearam a minha prática  
93 pedagógica docente e a minha atuação profissional dialogando como professora  
94 e (...) que acabou de maneira mais ampla porque como eu vim discutir educação  
95 especial, ela me propicia a ter um olhar mais macro, por exemplo, eu estou na  
96 universidade, na UEPA e ... eu trabalho com a extensão, no pedagógico e com  
97 três centros diferenciados, um que é na área das engenharias, um que é na área  
98 das ciências sociais e humanas e o outro que é na área da saúde, e toda essa  
99 minha formação humanizadora me encaminha a refletir para esses lugares das  
100 ações que eu mobilizo, eu não consigo compreender uma ciência exata, ela pura,  
101 só com meros resultados mas eu vejo as interações do sujeito nesse movimento  
102 da relação social, assim na questão da saúde, na questão própria das ciências  
103 sociais. Então essa formação ela é muito intrínseca pelo processo formativo que  
104 eu tive a oportunidade de ser bolsista com o PARD porque as disciplinas elas  
105 colaboraram de maneira bem substancial mas a vivência de estar no projeto de  
106 pesquisa vinculada às atividades de extensão ela foi o grande diferencial pra me  
107 constituir uma profissional com olhar mais amplo.

108 Então a experiência em educação especial, ela começa no projeto de  
109 pesquisa, no núcleo de educação especial vinculada ao PARD como  
110 coordenadora professora [...], os momentos de estudo com a própria  
111 [professora] né?! de maneira, não essas locadas no currículo, mas essas de  
112 sentar, debater e discutir que até hoje eu tenho a oportunidade de próxima a ela  
113 né?! aprendendo porque quando eu a escuto é como se fosse sempre a primeira  
114 vez, então as questões das atividades direcionadas para os estágios e as aulas  
115 elas foram direcionadas a partir das ações do núcleo, que começou a partir dos  
116 conceitos de base, compreender mesmo o que é educação especial, porque  
117 não é uma memorização de uma resposta de imediato pra atender as pessoas  
118 com deficiência, mas o que é isso? O que eu mobilizo? E hoje eu vejo já  
119 mesmo como implementação de políticas, garantias que não ficam só no foco  
120 da educação mas que perpassa por todas as áreas, a saúde, o social, o jurídico,  
121 político, humano, que é esse processo mesmo da própria existência de cada ser  
122 humano. Então as aulas elas começam com essa provocação conceitual e  
123 reflexiva, ela teve momentos de instrumentalização com oficinas e até os  
124 próprios estágios em atividades em loco por exemplo no CAP, foi um do local  
125 que nós tivemos acesso de tá discutindo com os professores, de tá aprendendo  
126 com eles o Braille, Soroban, as próprias experiências nos cursos de formação da  
127 SEMED, também que nós tivemos acesso durante essa nossa vivência  
128 experiência acadêmica e os estágios em outras instituições como na APAE que  
129 nós tivemos a oportunidade de implantar um laboratório de informática  
130 acessível com o público já amplo sem ser diferenciado, porque o interessante é  
131 que as atividades a gente tenta compreender o sujeito como um todo, não ficou

132 focado só na deficiência visual, ou na intelectual, ou na surdez, mas entender  
133 todos esses diferentes sujeitos que estão inseridos nesse contexto da educação  
134 especial, e lá a gente teve a oportunidade de implantar, meio que nós fomos  
135 aprender na própria dinâmica da APAE e fomos conduzindo essas ações meio  
136 que eles não sabiam, e nem nós, então mesmo que tivesse toda uma equipe de  
137 terapeutas pra ta nos dando um suporte mas a gente deu o tom dos  
138 encaminhamento das ações e ai a gente adaptou computador, construiu  
139 pequenas possibilidades de programação com os slides, com imagens, com  
140 letras e outros programas pedagógicos que pudessem ir ao encontro do processo  
141 formativo desses alunos de escolarização, e o interessante é que os alunos nos  
142 viam, “lá vem o pessoal da universidade!” e sempre recebiam com um abraço  
143 tão caloroso, tão receptível, e isso acabou nós realizando ações com a equipe  
144 dos profissionais pra falar o que que era o laboratório, mas discutir com eles a  
145 importância do laboratório para aqueles sujeitos, depois com os pais, falar a  
146 importância do laboratório não dizer olha tem um laboratório agora, mas dizer o  
147 que que isso ia acrescentar, e com os alunos, o interessante é que com os alunos  
148 foram de maneira mais lúdica, ai nós fomos representar, dançamos, tivemos  
149 teatro, tem umas fotos que meu Deus, mas foi uma atividade bem prazerosa  
150 acabou que a gente foi pro próprio desfile de 7 de setembro, então as atividades  
151 no período acadêmico ela não foram só estrutural do currículo mas elas  
152 romperam, foi até o encontro da própria comunidade e sem contar que isso  
153 prevalece até hoje, nós estabelecemos relações sociais independentemente da , a  
154 Miriam só conversava com esses sujeitos enquanto tava na universidade ou  
155 então tinha relação com a APAE enquanto / não, houve um fortalecimento  
156 dessas instituições junto ao núcleo desses sujeitos que fazem parte do processo  
157 da educação especial que continuam com o dialogo permanente que romperam  
158 as fronteiras do espaço da universidade. E o meu TCC foi na área, não haveria e  
159 nem há uma possibilidade de discutir outras temáticas enquanto o lugar que eu  
160 ocupo de educadora no processo da perspectiva inclusiva pensar temática  
161 diferente disso, então a expectativa do meu TCC era dialogar o que eu tinha  
162 interesse com a educação especial e com as pesquisas que vinha realizando,  
163 então meio que foi um recorte, que era pensar como os professores visualizam a  
164 aprendizagem desses sujeitos, se eles acreditam ou não, se essa educação ela é  
165 vista só como uma determinação ou se realmente eles acreditavam que esses  
166 alunos poderiam ter avanços e mais avanços do desenvolvimento e na  
167 aprendizagem.

168 E as minhas experiências foram tantas, e elas são meio que constantemente  
169 inovadas, durante a vivencia acadêmica a gente fez o novo e o pós na atuação  
170 profissional a gente também propõem o novo, o ultimo foi a experiência dos  
171 cegos fotografar, ai eu me lembro das minhas experiência acadêmicas, que meio  
172 que nós íamos descobrindo né?! as atividades porque elas não estavam  
173 estabelecidas, a gente também estava nesse papel de aprender, então a  
174 participação dos alunos com deficiência na nossa vida nos possibilitou a isso,  
175 meio que não era uma discussão distante mas de um sujeito que está próximo.

176

- 177 5) Conte sobre sua formação: o que se lembra de ter aprendido sobre educação  
178 especial em disciplinas? E nas atividades de estágio e pesquisa? Que coisas  
179 aprendeu em outras disciplinas e atividades que se tornaram importantes para  
180 sua atuação profissional em educação especial?

181 Então (...) eu falei do projeto de extensão? Então nós fizemos um projeto de  
182 extensão (é porque eu meio que perdi a sequência daqui da antes e depois é pra  
183 não ficar repetitivo). Nós tivemos o projeto de extensão, que foi uma ação do  
184 núcleo, que era estudar os conteúdos do pré-vestibular com os alunos  
185 deficientes visual e auditivo e os outros que tivessem interesse na verdade era  
186 um projeto que quem vinha era como uma adesão então, os sujeitos que vieram  
187 foram esses, então a gente discutia os conteúdos da disciplina, português,  
188 matemática, história, literatura e meio que eu fiquei com a disciplina de  
189 matemática, e naquela época já discutir matemática e discutir a questão do  
190 ensino para o deficiente visual era algo muito complexo e pra eles aprender o  
191 próprio Braille, então era uma troca, tinha hora que eles sabiam tinha hora que  
192 eu não sabia, tinha hora eu sabia né?! e ... e essas experiências trouxe uma  
193 reflexão de pensar que tudo que é realizado é na perspectiva de transformação  
194 na vida desse sujeito e os resultados foram fantásticos, primeiro uns  
195 ingressaram outros não ingressaram porque foram pra outros projetos de vida  
196 pessoais, mas tivemos, ingresso no curso de ciências naturais, Nacélio, ele  
197 também ingressou no curso de ciência sociais, ciências naturais na *UEPA* e  
198 ciências sociais na *UNIFESSPA*, tivemos o Bento na matemática, tivemos em  
199 pedagogia, aí teve os reflexos dos meninos surdos que foram pra outras  
200 universidades particulares, então nós tivemos resultados muito positivos né?! é  
201 ... dessas vivencias de pesquisa e de estágio e sobre tudo, que eu acredito que  
202 não foi só o ingresso na universidade mas é mostrar pra eles e eles se  
203 perceberem que eles podem transitar nos espaços da universidade, que aquele  
204 local não é distante de si, eu acho que a grande contribuição tá nessa  
205 perspectiva, de mostrar que eles são sujeitos como qualquer um outro né?! que  
206 a tentativa nossa é trazer essa visualização desses espaços que eles podem  
207 ocupar, porque falar de universidade não é só pra as pessoas com deficiência,  
208 mas ainda tá num local muito distante para muitos alunos, mas para os alunos  
209 com deficiência visual meio que naturalizou, eles participam dos eventos, então  
210 essas atividades elas contribuíram assim de maneira substancial na minha vida  
211 enquanto atuação profissional, porque eles são meus amigos hoje, esses que eu  
212 tive a participação no período de formação, mas me mostraram que esses  
213 sujeitos precisam é de garantias de direitos, ninguém precisa de esmola,  
214 ninguém precisa daquele olhar penoso, ô coitadinho, ai meu Deus, não! mas  
215 dizer que é garantia de direitos, só de garantir os direitos já mostram porque que  
216 eles vieram ao mundo, porque que eles existem né?! e essa atuação me mostra a  
217 refletir meu próprio processo formativo, de pensar ações de garantias mesmo  
218 quando não existe, como eu atuo e dialogo muito com a questão das ciências  
219 naturais e aí tem uma grande escassez de materiais então ao longo da minha



220 vida é propor materiais que venham a atender a eles, é tudo muito novo por isso  
221 que o meu processo de formação ele não foi como receita me possibilitou a  
222 entender, não digo a complexidade, mas tentar entender o que é útil, o que é  
223 funcional, não ser utópica, mas procurar por mais que seja uma iniciativa pra  
224 algum meia incipiente , mas de dizer que tem funcionalidade na vida dele, não  
225 importa na sua mas na dele tem contribuição, então hoje a grande contribuição  
226 dos educadores na perspectiva da educação especial não é mais se questionar,  
227 ah eu não tenho! Ah na minha sala eu tenho 40 alunos e tenho mais um aluno  
228 com deficiência! Eu não sei isso eu não sei aquilo né?! É um jogo de jogar  
229 responsabilidade pra outro, não é isso, é pensar que a educação ela tem que  
230 garantir direito, o espaço social tem que garantir direito, no espaço cultural tem  
231 que ter garantia de direito, porque a sensibilização nós já ultrapassamos de  
232 dizer, olha nós tamos no movimento da inclusão os alunos vão começar  
233 freqüentar ,não, não dá mais pra dizer que um dia eles vão chegar, eles já estão,  
234 não dá pra olhar pra eles e dizer fica excluído aí mesmo, porque na sala não  
235 quer dizer que ele ta participando ativamente, quando eu digo ativamente de  
236 maneira que ele possa interagir com o outro,mas ele também pode estar sendo  
237 excluído e as vezes o reflexo dessa exclusão ela é muito mais desumanizadora  
238 do que não ter saído da casa dele,porque você tala no espaço onde todo mundo  
239 ta aprendendo e você ta sendo ignorado, isso é um reflexo negativo pra alma,  
240 não digo nem pro espírito, é pra alma, então não dá mais para, fingirmos de  
241 inocentes que estamos alheios as discussão, mas incorporar mesmo a nossa  
242 responsabilidade de enquanto profissionais, porque o professor ele é um  
243 profissional, ele pode dizer que exerce vários papeis de amigo, de pai, de  
244 psicólogo, não sei o que, mas ele é um profissional, a atuação dele ele recebe  
245 por isso, ele não ta lá por caridade, não ta lá pelo dom, não ta lá pra fazer favor,  
246 ele ta lá pra exercer um trabalho qualitativo pra atender esses alunos.

247 6) Fale livremente sobre outras questões que julga importantes sobre sua formação  
248 e sua atuação em educação especial.

249 Então eu acredito que em alguns conceitos nós precisamos avançar muito né?! e  
250 não é de maneira isolada, é de maneira ampla com todos, porque quando o  
251 direito da pessoa com deficiência é garantido é estendido a todos, a criança, ao  
252 idoso ao jovem, ao homossexual, porque eu vou começar a respeitar o sujeito  
253 que existe assim como eu , porque todos nós temos culturas diferentes, temos  
254 gostos diferentes, as nossas particularidades nunca serão uniformes, então a  
255 educação especial veio trazer a tona todo esse contexto que tava meio que  
256 abafado na escola, mas quando esses alunos chegam, a complexidade desses  
257 “n” perfis de pessoas aparecem porque ai evidencia a pessoa com deficiência o  
258 negro, o índio, a mulher, então é um movimento mesmo de unir forças pra  
259 romper com essa carga de marginalização que ela ainda existe, e dizer que nós  
260 só poderemos conseguir alcançar um espaço humano, quando nós enxergarmos  
261 o outro e visualizarmos a nós mesmos, se não nosso trabalho vai atingir a um e  
262 ao outro não. E hoje eu penso o seguinte, se eu tiver atuando diretamente com  
263 aluno com deficiência, pessoa com deficiência, eu posso hoje ta trabalhando na

264 padaria, mas eu vou conseguir olhar o processo como humanizador, não só pra  
265 pessoa com deficiência mas estender para além disso para os outros, então me  
266 encontrar nesse processo na educação especial a partir da iniciativa do *PARD* e  
267 está no núcleo de educação especial, porque eu estou, eu vivo este núcleo até  
268 hoje e eu nunca me desvinculei e eu acho, espero um dia não ter que me  
269 desvincular, porque aonde eu falo que extrapola a questão só de ser um curso de  
270 formação é mais além que isso né?! é um reflexo meu Miriam  
271 independentemente da minha atuação do lugar que eu esteja é ver que enquanto  
272 as pessoas elas não forem o alvo da nossa existência e subverter essa lógica  
273 capitalista meio que nós vamos estar na contramão da vida né?! e aí a educação  
274 especial me possibilitou a ver isso de entender mesmo rompendo com esses  
275 estereótipos, não vou dizer que hoje eu já rompi 100% não, mas que me ajuda a  
276 refletir e buscar outras alternativas que convencionalmente são estabelecidas e  
277 eu digo opa não é bem assim outras possibilidades podem existir!